

UMA NOBRE CIGANA

Follow your heart

Barbara Cartland



O amor aconteceu quando Bela menos esperava...

Fugindo de um casamento arranjado, Bela se refugia num acampamento cigano, onde se vê transformada num autêntico membro do grupo. Para garantir sua segurança, eles emprestam-lhe roupas típicas e tingem seu cabelo de preto.

O que Bela jamais imaginara era encontrar ali o grande amor de sua vida...

Porém, havia duas grandes barreiras para concretizar esse amor: além de ser uma fugitiva, com certeza o marquês de Chorlton jamais se interessaria por ela.

Afinal, ele a julgava uma simples cigana!



Digitalização:

Revisão: Fabíola

ProjetoRevisoras



Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.

BARBARA CARTLAND é, sem dúvida, amais famosa escritora romântica do mundo. Entre suas inúmeras qualidades, podemos citar algumas: é historiadora, geógrafa, poetisa e especialista em dietas naturais. Atuante personalidade política, sempre lutou pelos direitos dos grupos menos favorecidos da sociedade inglesa, especialmente os ciganos, viúvas pobres e crianças abandonadas. Supercriativa e culta, já escreveu mais de 550 livros, editados em todo o mundo em dezenas de idiomas e dialetos, tendo alcançado com essas obras a incrível marca de 600 milhões de exemplares vendidos.

Algumas datas da vida de Barbara Cartland:

1901 -Nascimento

1923 - Publica seu primeiro livro

1927 -Casa-se com Alexandre McCorquodale

1933 - O primeiro casamento é desfeito

1936 -Casa-se em segundas núpcias com Hugh

McCorquodale, primo de seu primeiro marido 1963 - Publica seu centésimo livro
1976 - Sua filha Raine casa-se com o Conde Spencer, pai da princesa Diana 1981 - A princesa Diana, enteada de sua filha, casa-se com Charles, príncipe herdeiro da Inglaterra 1983 -Entra no livro de recordes Guinness 1991 - Recebe o título de "Dame" do Império Britânico Barbara Cartland.

A mais famosa autora de romances históricos, com 600 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

Título original: Follow your heart

Copyright: © 1993 by Barbara Cartland

Tradução: Nancy de Pieri Mielli

Capa: Dilvacy M. dos Santos

Copyright para língua portuguesa: 1994

CÍRCULO DO LIVRO LTDA.

EDITORA NOVA CULTURAL

uma divisão do Círculo do Livro Ltda.

Al Min. Rocha Azevedo, 346

CEP 01410-901 - São Paulo - SP - Brasil

Caixa Postal 9442.

Fotocomposição: Círculo do Livro

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

NOTA DA AUTORA

Em toda a Grã-Bretanha, assim como nos Estados Unidos da América, a palavra “Cigano” é sempre escrita com letra maiúscula.

A designação surgiu originalmente na Inglaterra no ano de 1537.

As lendas quanto à origem dos ciganos são inúmeras.

A versão que se considera mais provável é a de que os primeiros ciganos surgiram na Índia e que de lá, atravessando as montanhas Balcãs, chegaram até a Europa.

Outros grupos se dirigiram para o Egito e para o norte da África.

Por mais estranho que possa parecer, acredita-se que foram estes últimos que, mais tarde, vieram para a Grã-Bretanha.

Instalaram-se, de início, no País de Gales. Depois se espalharam pela Irlanda e pela Escócia.

Sofreram perseguições no reinado de Henrique VIII e da rainha Elizabeth. A rainha os expulsou do país sob pena de enforcamento.

Surpreendentemente os ciganos sobreviveram e suas histórias se encontram registradas em livros, os mais antigos.

Na Inglaterra, a polícia exigia que suas caravanas não se fixassem em um local por mais de vinte e quatro horas.

Eu mesma só vim a descobrir que as crianças ciganas eram proibidas de frequentar escolas, no ano de 1961.

Levei três anos para conseguir mudar essa lei.

Agora, as autoridades locais são responsáveis por conseguir uma área especialmente para seus ciganos.

Só em Hertfordshire contamos com catorze conselhos. O meu, que é de origem romena, foi batizado de “Barbaraville”, por escolha dos próprios ciganos.

CAPÍTULO I

1878

Em uma de suas cavalgadas pelo bosque. Bela estava pensando no quanto a sorte havia lhe favorecido.

O que mais adorava na vida era o campo e a natureza.

Na primavera, em especial, os bosques adquiriam um fascínio e uma magia que os distinguiam entre todas as outras belezas do mundo.

A felicidade que eles lhe proporcionavam, porém, era sentida apenas em seu íntimo, sem poder ser partilhada com ninguém.

Além de órfã de pai e mãe, ela não tinha irmãos com quem conversar. E mesmo na época em que seus pais viviam, o amor que nutriam um pelo outro lhes bastava a tal ponto, que não traziam a filha para o centro de suas atenções.

Após a morte do pai, em luta no Sudão. Bela e sua mãe passaram a morar em Londres com o tio e cunhado, que era Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros.

Devido ao cargo que exercia, o irmão de seu pai viajava constantemente ao exterior, deixando sua casa aos cuidados da cunhada e de sua pequena filha.

Acometida de uma grave pneumonia, havia um ano, a mãe de Bela também viera a falecer.

Partira feliz, sabendo que iria se encontrar com o adorado marido, mas Bela ficara muito só.

Alguns meses depois, todavia, o tio resolvera se aposentar, cansado que estava devido à idade e às contínuas viagens através do continente.

Nessa época fora agraciado com o título de lorde Lainden, e convidado a participar da Casa dos Lordes, o que aceitara com muito orgulho apesar de estar decidido a se mudar para o campo, lugar ao qual sempre julgara pertencer.

Bela não poderia pedir mais nada aos céus.

Para ela, cavalgar era a maior das alegrias, assim como havia sido a de seu pai.

Mas se ela tinha sorte era graças a seu tio.

Enquanto fora Secretário de Estado, lorde Lainden havia feito uma grande amizade com o duque de Marchwood, de quem fora colega de escola, inclusive.

Ao receber seu título e também terras na França, o duque praticamente tivera de abandonar sua propriedade em Hampshire, no interior da Inglaterra.

Quando lorde Lainden manifestou sua intenção de adquirir uma propriedade no campo, o duque lhe ofereceu a sua casa por um preço tão baixo que mais pareceu um presente.

Em troca, ele brincara Bela teria de exercitar seus cavalos.

Com dezoito anos completos, Bela já deveria ter sido apresentada à rainha, e passado a frequentar os bailes e jantares oferecidos pela sociedade londrina.

Ela, no entanto, apesar dos incentivos do tio preferira permanecer no campo e lhe fazer companhia.

— Eu poderia facilmente encontrar uma acompanhante para você — o tio sugerira.

— Sempre há senhoras da sociedade dispostas e preparadas para cuidar de jovens senhoritas órfãs como você, ou daquelas cujos pais não podem acompanhá-las em pessoa, por um motivo ou outro.

— Prefiro permanecer no campo, tio Edward — respondera Bela com convicção.

— Nunca fui tão feliz quanto agora que tive a possibilidade de cavalgar cavalos tão magníficos quanto os que o duque possui em seus estábulos. Garanto-lhe que os considero muito mais interessantes do que os rapazes que costumam frequentar os bailes da corte.

Lorde Lainden rira do comentário da sobrinha, mas, no fundo, sentira-se aliviado por ser seu desejo, também, permanecer no campo.

Sua maior ambição era transformar o jardim da propriedade no mais lindo do país.

Outro passatempo que ele sempre adorara e que nunca tivera oportunidade de desfrutar era a pescaria. Agora, com um riacho cortando suas terras, e uma grande quantidade de trutas, ele não poderia se sentir mais satisfeito.

Aquela era a vida que sempre almejava e que, certamente, constituía uma mudança radical após a necessidade de viagens intermináveis que governara seu tempo enquanto Secretário de Estado.

Era uma bênção se levantar todos os dias e efetuar uma atividade de cada vez, com calma e tranquilidade, ao invés de se ocupar com uma dúzia de reuniões e entrevistas em um só dia.

Acima de tudo agradecia pela oportunidade de desfrutar da companhia de sua sobrinha, que era excepcionalmente inteligente.

Enquanto vivera em Londres, Bela estudara em um dos melhores colégios femininos, e aprendera vários idiomas.

Sob a influência do tio um homem pertencente à política, ela passara a se interessar não só por tudo o que acontecia dentro de sua casa, como também pelo que ocorria no mundo.

Sua capacidade de observação e aprendizagem era tão grande que lorde Lainden chegava a discutir temas com ela, que só teria abordado com o próprio ministro.

Naquela manhã, logo após o desjejum, os cavaleiros do duque haviam trazido três cavalos para Bela, para que ela escolhesse o que preferisse.

Todos haviam sido adquiridos recentemente e o cavaleiro chefe estava ansioso para averiguar seus desempenhos sob uma sela.

Após uma longa conversa com o encarregado, Bela escolheu um baio.

— Estou certo de que a senhorita é capaz de cavalgar qualquer destes animais, mas seria recomendável que não o fizesse saltar obstáculos até conhecê-lo bem — avisou o rapaz, preocupado ao notar que Bela escolhera justamente o mais arisco dos três.

— Terei cuidado, Grayer. Farei ainda mais. Prometo-lhe que não tentarei nenhum salto até que me dê um sinal.

O cavaleiro, que estava a serviço do duque há muitos anos, sorriu. Ele sabia que Bela montava muito bem. Ao mesmo tempo era uma jovem fina e encantadora. Apesar de ser apenas um humilde empregado, ela sempre o ouvia e respeitava.

Ele aprendera a estimá-la por sua bondade e simpatia, assim como sua esposa e os demais criados.

Bela galopou com Sansão por um longo trecho até ele próprio diminuir o passo para um agradável trote. Conduziu-o, então, para o bosque, e tentou fazê-lo diminuir ainda mais a velocidade.

O animal a obedeceu sem qualquer problema e Bela teve condições de observar as pequenas lebres que percorriam os caminhos cobertos de musgos, e também os esquilos que se refugiavam em suas tocas nas árvores.

Os passarinhos cantavam por toda a parte. As folhas das árvores pareciam acompanhá-los.

— O que poderia haver de mais adorável? — Bela se perguntou.

Naquele instante, conforme atingia uma clareira, algo inesperado surgiu ante seus olhos. Um acampamento cigano.

Seria o mesmo grupo romeno que os visitava todos os anos?

Ela se aproximou com cautela para averiguar. Se fosse o mesmo, seria a quinta vez que o veria.

Antes que seu tio comprasse a casa do duque, ela já a havia visitado e ali permanecido por algumas temporadas, na companhia dos pais.

Os ciganos sempre a haviam fascinado por serem diferentes das outras pessoas que conhecia. Seu interesse por eles era tanto que chegara a aprender a língua que falavam.

Estranho que tivesse se esquecido da época de sua vinda. Fez um rápido cálculo mental e descobriu que o motivo era que o grupo havia chegado mais cedo aquele ano.

Os Lees, como aqueles ciganos eram chamados, eram originários da Romênia, mas viviam há muitos anos na Inglaterra.

Seus olhos e cabelos eram intensamente negros e brilhantes, e apresentavam um grau de cultura superior a de muitos outros ciganos que Bela já vira pelas estradas e pelas ruas, tentando vender cabides de roupas de porta em porta.

Assim que deixou o bosque. Bela presenciou, conforme esperava cinco carroças dispostas em círculo.

A cada vez que as via, julgava-as ainda mais bonitas.

No centro, havia sido acesa uma grande fogueira.

Conforme Bela se encaminhou para elas, o líder dos ciganos, Pirus Lee, veio ao seu encontro.

Era um homem alto e forte e não aparentava os sessenta anos, idade que já ultrapassara. Governava seu povo com mãos de ferro e era respeitado por todos, inclusive por outros grupos de ciganos.

Quando Bela o alcançou, inclinou-se para cumprimentá-la.

— Seja bem-vinda, milady. Estávamos ansiosos por encontrá-la desde que chegamos na data de ontem.

— Estou muito feliz que tenham retornado. Como estão todos? Não vejo a hora de ouvir as novidades e aventuras pelas quais passaram desde o ano passado.

Ao ouvirem sua voz, os outros ciganos saíram apressadamente de suas carroças. A primeira a se reunir a eles foi Silvana, uma garota muito bonita, neta de Pirus, e da mesma idade de Bela.

— E um prazer revê-la, milady. Estávamos falando a seu respeito e nos perguntávamos quando viria nos visitar.

— Eu teria vindo antes se soubesse que tinham chegado. Como estão todos?

Aquela altura já havia se formado uma pequena multidão no centro do acampamento. Entre as pessoas encontrava-se Luke, que era filho de Pirus, e um sobrinho chamado Adam, ambos apenas dois anos mais velhos que Silvana.

— Onde está Lendi? — Bela quis saber ao notar a ausência da pessoa mais idosa da família, mãe de Pirus e famosa quiromante.

— Minha mãe não está bem. — Pirus respondeu triste.

— Infelizmente não está em condições de sair de sua carroça. No entanto, sei que se sentiria muito honrada em receber a senhorita.

— Eu gostaria muito de visitá-la — Bela fez sinal a Adam para que segurasse seu cavalo, para que pudesse apear. — Posso ir agora mesmo?

— Claro que sim.

— Fiquei penalizada em saber que sua mãe não está bem. O povo do vilarejo sempre espera com ansiedade a chegada de vocês para saber sua sorte.

— Ela está ensinando Miréli a tirar as cartas e a ler a mão. Daqui a algum tempo, teremos mais alguém para ajudá-la.

— Essa é uma ótima notícia. Acho que todos no vilarejo querem saber sobre o futuro, e quem melhor do que os romenos para lhes contar?

Piramus exibiu um sorriso de satisfação.

Diante da carroça de Lendi, fez sinal para que Bela subisse os degraus. Como a porta estivesse aberta, a jovem se deteve.

A cigana estava deitada em um cama e cercada de almofadas. Seus olhos negros, em contraste com os cabelos grisalhos, pareciam ainda mais misteriosos do que no passado.

Ao ver Bela, as mãos trêmulas se estenderam, e ela procurou se sentar.

— Lady, entre! Que bondade a sua em vir me ver!

— Senti muito em saber que você estava adoentada. O que faremos se não puder mais ler a nossa sorte?

Lendi riu do receio de Bela.

— Posso lhe dizer seu futuro, jovem, sem precisar botar as cartas.

— Qual será?

— A felicidade.

Em seguida, Lendi fechou os olhos. Quando tomou a falar, sua voz soou diferente.

— Milady encontrará o que busca. Uma grande surpresa a espera. — A cigana segurou a mão de Bela. — A lua a protege. Sente medo sem qualquer razão. A mágica que a envolve é muito poderosa.

Lendi suspirou ao dizer essas palavras e tomou a abrir os olhos. Eles brilharam intensamente. Embora Bela tivesse sentido a frieza daquelas mãos tinha certeza de que a velha cigana ainda viveria por muito tempo.

— Muito obrigada — Bela agradeceu, comovida. — Sei que deveria colocar uma moeda de prata na palma de sua mão neste momento, mas não trouxe nenhum dinheiro.

— O dinheiro não é necessário entre amigos, e nós a consideramos nossa amiga. Faremos qualquer coisa para ajudá-la.

— Eu sei disso e lhes sou muito grata — Bela murmurou.

— Cuide-se, Lendi. A família Lee não seria a mesma sem você.

— Quando chegar a minha hora, eles saberão o que fazer. Meus poderes passarão para outro membro e a tribo continuará mesmo sem mim.

— Soube que será Miréli essa pessoa.

— É verdade — Lendi confirmou com um movimento de cabeça. — Ela é muito receptiva. Um dia me substituirá.

— Fico contente sobre esse aspecto, Lendi. Por outro lado, você sabe que todos nós a amamos. Será difícil alguém substituí-la em nossos corações.

A velha senhora sorriu, enternecida. Aquela jovem era preciosa. Desde sua chegada, ficara ajoelhada a seus pés e agora se inclinava para beijar-lhe o rosto.

— Voltarei amanhã para vê-la e trarei flores do jardim do meu tio. Oh, e trarei, também, alguns morangos.

— A senhorita é muito boa, e a bondade é sempre recompensada.

— Se houver mais alguma coisa que queira, é só me dizer — Bela acrescentou a caminho da porta. — Prepare-se. Assim que descobrirem sobre sua chegada, as pessoas virão à sua procura em busca de ajuda e orientação.

— Miréli estará pronta para recebê-los.

Bela se despediu e voltou para o centro do acampamento, onde a maioria dos membros da família Lee a aguardava.

— Minha mãe fica sempre muito feliz ao vê-la — disse Piramus.

— Ela me contou que Miréli a substituirá imediatamente. Mas eu penso que isso será impossível. Lendi é uma só e eu tenho a impressão de que nenhum dos habitantes do vilarejo acreditará em outra pessoa.

— Miréli tem poderes — respondeu Piramus. — Ela tem as estrelas como guias. As famílias ciganas nunca morrem.

Bela percebeu que ele estava tentando ensiná-la sobre a continuidade do sangue e da tradição cigana. Elos fortes que nunca seriam rompidos.

Miréli substituiria Lendi, assim como Lendi substituíra sua mãe, que, em seu tempo, também fora uma grande consulente.

— A linhagem nunca se quebra — informou Píramus como se tivesse lido seus pensamentos. — Quando alguém morre, outro preenche o lugar vazio.

— Apesar disso, espero que Lendi não nos deixe ainda por muito tempo.

Píramus fez um gesto como se dissesse, sem palavras, que o destino dela assim como o de todas as outras pessoas, estava nas mãos dos deuses.

Dois outros ciganos, que Bela ainda não conhecia, fizeram questão de apertar-lhe a mão.

Em seguida, acompanhada por Píramus, ela voltou para junto de seu cavalo.

— Se precisar de alguma coisa, por favor, me diga. Sei que meu tio terá muito prazer em lhe fornecer ovos e verduras, como das outras vezes.

— Milady é generosa. Nós lhe agradecemos de joelhos.

Píramus ajudou Bela a montar. Ao partir, ela prometeu que voltaria no dia seguinte e os ciganos lhe acenaram até que desapareceu por entre as árvores.

No trajeto para casa, ela ficou imaginando qual não seria a surpresa de seu tio quando lhe contasse que os Lees estavam de volta.

Ao se aproximar da propriedade, porém. Bela notou que os portões estavam abertos, como se alguém houvesse acabado de chegar.

Rezou para que não se tratasse de nenhum problema que obrigasse o tio a regressar a Londres.

No mês anterior, o primeiro ministro o havia chamado por duas vezes.

— Se o Sr. Disreali estiver aborrecendo-o de novo, ficarei muito zangada. Afinal de contas ele está aposentado e o conde de Denby, que assumiu seu lugar, deveria estar em condições de realizar o trabalho.

Por outro lado, o reconhecimento de que seu tio era um homem imprescindível não deixava de ser uma honra.

Além do primeiro ministro, muitos outros estadistas buscavam sua orientação.

Após efetuar uma curva, Bela pôde ver uma luxuosa carruagem diante da porta principal, cujo proprietário não era outro senão o duque de Marchwood.

A constatação lhe proporcionou um grande alívio e também a lembrança de que ele realmente estava sendo esperado.

Seu tio havia comentado uma ou duas vezes, no decorrer da semana, que a qualquer momento o duque mandaria chamá-lo.

Não era motivo de admiração, no entanto, que o duque houvesse procurado seu tio, em vez de chamá-lo à sua presença, pois os dois eram grandes amigos e ele sentia falta de companhia.

Sua esposa era praticamente inválida, e eram raras às vezes em que saía de casa. O único filho morava na França, e as duas filhas já estavam casadas.

Embora houvesse festas ocasionais em Wood Hall, o duque geralmente era um homem muito solitário.

Era sério quando tratava de negócios, e muito inteligente, embora não tanto quanto lorde Lainden, mas também alegre e espirituoso.

Seus parentes gostavam de visitá-lo, apesar de Bela suspeitar que o duque os considerasse enfadonhos. Ela, ao menos, sentia-se assim com relação a eles.

— Preciso avisar a cozinheira — Bela falou consigo mesma —, que o duque certamente ficará para o almoço.

A Sra. Beston trabalhava com seu tio há muitos anos e possuía um verdadeiro talento para a culinária. Devido à idade um pouco avançada, contudo, não gostava de ser

apressada.

Bela precisava descobrir se o duque ficaria para o almoço, o mais rápido possível. Levou Sansão correndo para os estábulos.

— Como foi o passeio, Srta. Bela? — Grayer quis saber ao segurar as rédeas para que ela descesse.

— Sansão foi rápido como o vento e se comportou como um santo. Estou certa de que não nos causará problemas.

— Em suas mãos, senhorita. Os cavaleiros, ao menos, não pensam o mesmo.

Com um sorriso, Bela correu para a casa, e entrou pela porta dos fundos.

A cozinha era a parte da casa que parecia mais antiga a Bela, com suas vigas atravessadas pelo teto, de onde pendiam réstias de alho e cebola, patos e galinhas e tiras de tocinho defumado.

— Bom dia, Sra. Beston. Vim avisá-la, se ainda não está sabendo, de que o duque se encontra conosco e que, por ser quase uma hora, deverá nos acompanhar para o almoço.

— Foi o que pensei. Estava acabando de dizer ao Sr. Storton, como já repeti uma centena de vezes, que gostaria que me informassem com antecedência sobre a vinda de Vossa Senhoria, para que eu pudesse preparar os pratos que ele mais gosta.

Bela sorriu ao ouvir o queixume da cozinheira também pela centésima vez.

— Por mais difícil que seja Sra. Beston estou certa de que Vossa Senhoria não sairá daqui decepcionado com a sua comida.

A mulher não respondeu. Limitou-se a concentrar sua atenção mais uma vez ao molho.

Bela seguiu pelo corredor que levava ao hall, e encontrou Storton, o mordomo, com um criado recém-contratado.

— Meu tio lhe falou alguma coisa a respeito do duque?

— Não, senhorita.

Ciente de que o tio não aprovaria que ela fizesse a refeição em traje de montaria. Bela correu para o quarto a fim de se trocar.

Escolheu um vestido de algodão, muito bonito, e amarrou os cabelos com uma fita.

— Depressa, Emily, ajude-me a abotoar a roupa — ela pediu à camareira.

— Ainda temos dois minutos, senhorita.

Bela não pôde evitar o riso. Acontecesse o que acontecesse, seu tio estaria entrando na sala de jantar à uma hora em ponto. Ele sempre dizia que seu sucesso devia-se à pontualidade da qual fazia questão absoluta.

Ela já se encontrava ao pé da escadaria quando o relógio de seu avô assinalou a hora e a porta do escritório de seu tio foi aberta.

Conforme esperava, o duque estava a seu lado.

— Estou de volta, tio Edward na hora exata.

Mal havia acabado de falar, fez uma reverência ao duque, que se inclinou e beijou-a no rosto.

— Como está, minha querida? Parece-me excelente. Seu rubor me faz pensar que andou cavalgando pelo bosque.

— Sim, o senhor acertou. Estive experimentando um de seus novos cavalos. Pode ter certeza de que fez um ótimo investimento. Sansão é magnífico.

— Então seu nome é Sansão.

— Um nome bem apropriado. Ele é forte e inteligente e tem um charme irresistível, assim como o do antigo herói.

O duque riu.

— Uma grande recomendação, por ser você quem a faz. Espero que, em breve, esteja falando assim com respeito a um homem.

Terminando de falar, o duque se encaminhou para a porta.

— Por que o senhor não vai ficar para o almoço? — Bela estranhou.

— Há muitas pessoas a minha espera. Além disso, minha irmã está para chegar de Londres a qualquer momento.

Os olhos do duque faiscaram ao dizer aquelas palavras. Parecia acusar o amigo por se encontrar naquela situação.

— Até logo, Edward. Estarei no aguardo de sua resposta.—Lorde Lainden limitou-se a acompanhar o amigo até a carruagem, cuja porta foi aberta por um criado de libré.

— Eu estava certa de que o duque ficaria para o almoço— comentou Bela, enquanto ela e o tio acenavam em direção à carruagem que se afastava rumo à estrada.

— Amigos importantes o esperam. Mas não se preocupe. Nós dois daremos conta dos pratos deliciosos que a Sra. Beston sempre nos prepara.

Bela o seguiu, curiosa. Que resposta seria aquela que o duque estaria aguardando?

O tio, entretanto, falou de tudo, menos do assunto que levava o duque a procurá-lo. Talvez se tratasse de algo confidencial. Algo que ele não desejava discutir diante dos criados.

Na primeira oportunidade, Bela lhe contou sobre seu passeio a cavalo e sobre a agradável surpresa que tivera em encontrar os ciganos.

— Então eles voltaram! — exclamou lorde Lainden. — Irei visitá-los ainda hoje.

— Píramus ficaria desapontado se não fosse. E Lendi. A pobre senhora está tão doente que começou a preparar Miréli para substituí-la na tarefa de ler a sorte.

Embora percebesse que o tio estava ouvindo seu relato, Bela sentia que havia algo mais em sua mente. Uma espécie de pressentimento. Um dom, como diriam os ciganos, de captar mistérios e segredos no ar, que ela herdara da mãe e de seu sangue escocês.

Muitas vezes chegara a ler o pensamento das pessoas e a predizer fatos antes que acontecessem.

Na primeira noite em que dormira em Wood Hall, ela sentira a presença de um espírito. E não se tratara de uma sugestão, pois ninguém havia lhe falado sobre sua constante presença na casa.

A preocupação do tio não a deixava pensar em outra coisa. Conhecia-o bem demais para se enganar. Ele nunca precisara lhe contar, quando se via à frente de dificuldades na política. Através de seu modo de falar, ou talvez através de suas vibrações, ela captava o problema.

Felizmente fora o duque o visitante daquela manhã e não o portador de mais uma recomendação para que voltasse a Londres, ou para que viajasse a Berlim, Paris ou Amsterdã a fim de resolver assuntos que ninguém mais conseguiria.

Ou talvez infelizmente. Afinal o duque trouxera uma nota de discordância à harmonia daquela manhã.

O problema deveria estar ligado a alguma crise de família, ela pensou.

Certa vez, um de seus sobrinhos se envolveu com uma mulher inadequada aos seus padrões. Fosse apenas um caso passageiro, ninguém teria dado muita importância, mas o duque viera, a saber, que o rapaz estava firmemente decidido a se casar com a tal mulher.

O duque se voltara para lorde Lainden em busca de ajuda. E este, com sua notável inteligência, resolvera o problema sem qualquer escândalo.

Teria algo semelhante tomado a ocorrer? O que quer que fosse estava perturbando a paz de seu tio. E ela não queria que isso acontecesse. Era importante que lorde Lainden se sentisse tranquilo para poder escrever suas memórias, o que já havia começado a fazer.

O livro seria um best-seller quando ticasse pronto, ela apostava. Afinal o tio era brilhante e conhecia praticamente o mundo inteiro.

O problema era que lorde Lainden não tinha muita paciência. Sempre que queria uma coisa, queria-a imediatamente. Com relação a um livro, isso seria impossível.

Ela adoraria ajudá-lo na compilação de dados, mas o máximo que poderia fazer seria encorajá-lo e elogiá-lo.

O almoço não foi demorado. Servido o café, o tio se levantou.

— O senhor pretende visitar os ciganos agora?

— Antes eu quero falar com você.

Bela sentiu a curiosidade redobrar. Ao mesmo tempo, o tom de voz do tio a amedrontou. O problema deveria ser realmente sério. Ele se mostrara tão preocupado durante o almoço que nem comentara sobre o término de mais um capítulo de seu livro.

Enquanto caminhavam ao longo do corredor, lorde Lainden colocou seu braço ao redor dos ombros da sobrinha.

— Você sabe o quanto aprecio sua companhia, minha querida. Foi a sua presença que devolveu a luz do sol a esta casa.

Bela o fitou, surpresa.

— Fico contente em saber, meu tio, mas por que está me dizendo isso?

O tio esperou que entrasse em seu escritório e fechou a porta. Em seguida caminhou até a lareira. Toda a vez em que tinha necessidade de discutir algo de importância, ele se colocava naquele lugar.

Bela se sentou em uma das poltronas, de frente para ele.

O tio, apesar da idade, ainda era forte e atraente, e uma aura de autoridade o envolvia.

Com o perfil emoldurado por um quadro pintado por Stubbs, ele era o típico nobre inglês.

— O que o está preocupando, tio Edward? — ela indagou. — Não consigo entender por que o duque veio lhe trazer tantos problemas.

Lorde Lainden sorria.

— Ele quer que eu os resolva em seu lugar, como sempre. Só que desta vez, minha querida, o problema principal diz respeito a você.

— A mim? Mas por quê? — Bela quis saber, alarmada.

— Jason voltou.

CAPÍTULO II

— Jason? Não posso acreditar!

— É verdade. Eu sabia que você ficaria surpresa.

— Surpresa? Eu estou assombrada — Bela confessou.

— Mas por que Jason resolveu voltar depois de todos esses anos?

Lorde Lainden e a sobrinha estavam falando sobre o filho do duque, o conde de March que vivera na França durante os últimos cinco anos, e que sempre fora um jovem vulgar.

Apesar dos esforços dos pais em educá-lo, e do conselho dos parentes para que criasse juízo, ele insistira em viver apenas para a diversão, na companhia das mulheres

mais lindas e mais questionáveis de Londres.

Em Paris, a situação se repetiria.

Os falatórios se espalhavam não apenas entre os familiares e amigos do duque, mas também em Mayfair.

Talvez lorde Lainden fosse o único que soubesse realmente o quanto o duque sofria com o comportamento libertino de seu único filho e herdeiro.

Não era sua a culpa pelo fato de Jason não querer se tomar um homem íntegro e respeitado. Sempre o aconselhara a se casar com uma boa moça de sua classe social e a formar uma família.

Se Jason não seguisse seu conselho, na ocasião de sua morte o título e a propriedade passaria para um primo distante solteiro, e quase da mesma idade que o duque.

Nesse caso o título desapareceria e seria impossível dar continuidade ao sangue e ao nome da família.

O condado de Marshwood originava-se da batalha de Agincourt e era motivo de grande orgulho para o duque.

Para contribuir com a magnífica coleção de arte herdada de seus ancestrais, o duque adquiria novas e valiosas peças, sempre que possível.

A coleção, assim como todo o seu patrimônio, iria parar em mãos estranhas, caso Jason não cumprisse com a sua missão.

Seu filho, aliás, sempre lhe causara problemas: quando menino fora muito doente mais tarde, embora houvesse se tomado forte e sadio, sua rebeldia fora quase incontrolável.

Seu comportamento havia sido tão ruim que muitas vezes fora ameaçado de expulsão do colégio de Eton.

Em mais de uma ocasião, dizia-se, o duque se ajoelhara diante da diretoria para suplicar que seu filho fosse perdoado.

Era compreensível que depois de adulto, as mulheres o perseguissem com vistas a seu título e dinheiro.

O duque chegara a relevar o fato, contanto que o filho se casasse com alguém de seu nível social. Para tentar atraí-lo para a alta sociedade londrina, pedira aos amigos que convidassem Jason para suas festas.

Mas o filho recusara quase todos os convites. As festas, em que resolveu comparecer, foram tão prejudicadas com seu comportamento ultrajante, que os anfitriões nunca mais o incluíram em suas listas.

Finalmente, alegando que não suportava mais viver em Londres. Jason comprara uma casa em Paris.

Os boatos correram da mesma forma.

Muitas vezes Bela surpreendera o duque com lágrimas nos olhos ao falar sobre o filho com lorde Lainden.

O que mais o preocupava na vida era que o condado não perecesse, e Jason invariavelmente lhe respondia que não estava interessado em viver no campo, mas sim nos braços das fantásticas beldades parisienses.

Bela já havia se acostumado a ouvir histórias sussurradas sobre as libertinagens de Jason. Três anos atrás, porém, quando ela contava com apenas quinze anos de idade, o rapaz parecia ter dado o golpe final no pai.

Casara-se com uma das mais famosas cocottes de Paris, que já havia sido amante de dois príncipes, e também do rei dos Países Baixos.

Lorde Lainden ficara desconfiado daquele casamento e sua desconfiança provara ter fundamento.

A mulher era uma aventureira. Só quisera se casar com Jason devido a seu título e dinheiro.

O duque, entretanto, tentara encontrar justificativas para o comportamento do filho, passando por cima da desaprovação dos parentes e da compaixão humilhante dos amigos.

— Não há nada que eu possa fazer — ele se lastimara lorde Lainden.

— Nada — este confirmara. — A não ser se certificar de que ele não volte para a Inglaterra.

— Sinto vontade de morrer quando penso que uma desavergonhada possa ser a futura castelã de Wood Hall.

Nenhuma palavra que lorde Lainden dissesse, poderia confortá-lo.

Wood Hall pertencia aos Marchwoods havia cinco séculos. Cada geração providenciara os reparos necessários e também melhorias.

No momento, Wood Hall era uma das casas mais tradicionais de toda a Inglaterra.

Falava-se com admiração sobre todas as suas coleções de quadros, móveis e pratarias.

E a mulher que Jason escolhera, um dia reinaria lá. E seus filhos, se eles os tivessem.

Aquilo seria um insulto ao nome da família.

— Por que Jason voltou? — Bela indagou, com tudo aquilo em mente.

— Ele ficou viúvo — informou o tio — e veio se desculpar com o pai pelo sofrimento que lhe causou. Só descobriu o quanto o pai estava com a razão, depois de passar por uma vida de inferno ao lado da esposa. Na verdade, acho que está aliviado em se ver livre.

— Não sei. Embora pareça ter dado um passo na direção certa, duvido que seu arrependimento seja genuíno.

Bela não gostava de Jason. Desde criança o considerara uma pessoa desagradável. Era feio e bem mais velho do que ela. Sentia repulsa sempre que o via, ou que pisava em um lugar onde ele havia estado.

Após cinco anos de ausência, ela calculava que sua aparência estivesse ainda pior.

— Não há nada que possamos fazer tio Edward, a não ser sentirmos pena do pobre duque.

Fez-se silêncio por um momento até que lorde Lainden o quebrou.

— O duque me procurou com a finalidade de propor uma solução para o seu problema.

— Não posso imaginar qual seja.

— Meu amigo acredita que o filho esteja dizendo a verdade quando afirma que caiu em uma armadilha ao se casar. Acredita, também, que esteja sendo sincero em sua resolução de tomar a se casar, mas desta vez com uma moça respeitável.

— O duque é um grande otimista, se realmente acredita no filho depois de tudo o que ele fez — Bela murmurou, irônica.

— Ele quer acreditar no filho. Ao mesmo tempo deseja a nossa ajuda no sentido de obrigar Jason a cumprir o prometido. Se ele passar a viver em Wood Fall, as libertinagens ficarão enterradas no passado.

— Eu não apostaria — Bela insistiu. — Francamente, tio Edward, não vejo razão para o senhor perder seu tempo com um tipo como aquele. Jason sempre se comportou de maneira abominável, sempre fez os pais chorarem. Uma prima dele me contou, uma vez, quando nós ainda morávamos em Londres, que as pessoas chegavam a encará-la com desaprovação só por se parecer fisicamente com ele.

— Eu sei de tudo isso — lorde Lainden concordou — mas o duque está absolutamente convencido de que Jason aprendeu com seus erros e que merece uma

segunda chance.

— Só um pai mesmo para acreditar em um ser abjeto como Jason.

O tio a interrompeu abruptamente.

— Considero um erro negar ajuda aos necessitados e o duque, além de ser um grande amigo, pediu-me algo que precisamos considerar seriamente.

— O que foi que ele pediu?

— Que você lhe desse a honra de se tomar sua nora.

Um silêncio mortal caiu sobre a sala.

— Eu... me casar... com Jason? — Ela o fitou incrédula. — Não. O senhor não pode estar falando sério. Além dos problemas, que ambos conhecemos, Jason tem idade para ser meu pai!

— Jason fará trinta e oito anos no próximo mês — esclareceu lorde Lainden. — O duque acredita que, se for verdade que o filho está realmente arrependido de sua vida passada, uma esposa sensata e inteligente o impediria de recair no erro.

Bela não respondeu.

— O duque sempre gostou de você — o tio continuou. — Disse-me que nada lhe daria mais prazer do que tê-la como membro de sua família.

— Por favor, meu tio, o que acaba de me dizer é algo impossível de ser aceito. Não vejo Jason há muitos anos, mas o desprezo que sinto por ele não irá mudar. Não o suportava nem quando era criança. Ele é o último homem sobre a face da Terra com quem eu pensaria em me casar.

A agitação provocada por essa conversa fez com que Bela se pusesse a andar de um lado para o outro da sala, e, por fim, se colocasse junto à janela, embora não estivesse em condições de admirar a beleza das flores.

Tudo o que via a sua frente era o rosto debochado de Jason.

Lembrava-se de fugir de sua presença, e de procurar refúgio em seu quarto, quando o via. Não que Jason a tivesse provocado, ou maltratado alguma vez, mas ela sentia suas más vibrações.

— Sinto muito, tio Edward, mas o senhor precisa deixar bem claro ao duque que eu jamais me casarei com Jason.

— Não é tão fácil assim — murmurou lorde Lainden após um instante.

Bela se voltou de imediato.

— O que está querendo dizer?

— Quero dizer, minha cara, que o duque está empenhado até a alma na solução desse problema. Ele disse que nunca havia precisado tanto de nossa amizade, e que confiava em nós para salvar sua família.

— Muito bem que ele seja seu amigo, e que o senhor o ajude. Por que não procuram juntos, por exemplo, outra esposa para Jason, que não seja eu?

O silêncio se tomou ainda mais pesado.

— Entendo que esteja sofrendo por seu amigo, tio Edward — Bela prosseguiu. — Eu também estou. Mas acontece que Jason é filho dele, e não seu.

— Entendo perfeitamente sua posição — respondeu lorde Lainden — mas o duque foi categórico ao dizer que esperava nossa total colaboração. Ele se referiu a todos os benefícios que aceitamos, de sua parte, durante os últimos anos.

Bela ficou perplexa.

— Ele nos cedeu esta casa por um preço tão baixo que cheguei a considerá-la quase um presente, e deixou todos os seus cavalos à sua disposição. Recebeu-nos em sua propriedade como se fôssemos membros de sua família. Disse que você sempre teve permissão para entrar e sair de sua casa e que seus empregados acatam suas ordens

como se fosse realmente sua filha.

— Não posso acreditar que ele tenha nos cobrado por tudo o que fez!

— Sim, ele cobrou. E fez mais. Garantiu que se você e eu não o ajudarmos neste momento difícil, nunca mais desejará nos ver.

Bela se sentou na cadeira mais próxima. Não fosse seu tio o portador daquela mensagem, ela não acreditaria.

Recusar o pedido do duque significaria perder todos os confortos a que haviam se acostumado e os passeios a cavalo pelo bosque e pelo campo. Em questão de alimentos, eles não mais poderiam se servir do leite, manteiga e queijo frescos, ovos, galinhas e patos e de uma infinidade de outras coisas.

Assim como o tio, ela também aceitara todos os favores do duque, como se tivesse direito a eles.

Lembrava-se agora, porém, de que o duque era um homem temido por aqueles que tentavam se opuser a suas ordens. E ele praticamente ordenara que ela se casasse com Jason.

Até conseguia entender seus motivos. Conhecia-a e amava-a e sabia que qualquer mulher, que se casasse com seu filho, precisaria ser forte e determinada para obrigá-lo a cumprir sua promessa.

Que outra pessoa ele encontraria com essas qualidades e em curto prazo?

Ela não queria aceitar a proposta. Ao mesmo tempo sabia que o futuro de seu tio dependeria dela.

Lorde Lainden não era um homem rico mas estava acostumado a viver confortavelmente e seu maior desejo era morar no campo. Grande parte de sua felicidade, portanto, havia sido proporcionada pelo duque.

— E claro que eu disse a Ralph que só você poderia dar uma resposta, e que talvez quisesse falar com Jason antes de assumir um compromisso.

— Ele está aqui?

— No momento encontra-se em Londres, comprando algumas roupas, e reconciliando-se com os membros mais chegados da família, que não via há anos.

— Quando virá para Wood Hall?

— Daqui a três dias. O duque, então, o trará à sua presença. Ou, caso você prefira, nós dois iremos até eles. O duque quer que se sinta à vontade para decidir.

Bela desejaria responder que não preferiria nenhuma das alternativas, mas sabia que seria inútil.

Era inteligente o bastante para deduzir que não apenas o duque, mas também seu tio adoraria que ela se casasse com Jason.

Afinal ela se tomaria uma duquesa e assumiria o controle de Wood Hall. Todos os cavalos passariam a lhe pertencer. E também as coleções de artes e joias. As joias Marchwood eram lendárias. Dizia-se que rivalizavam com as da rainha.

Seu tio certamente acreditava que aquelas compensações valeriam a perda de seus sonhos românticos de se casar por amor.

Bela sempre sonhara que um dia cavalgaria pelo bosque com o homem amado, que também a amaria e compreenderia.

Assim como ela, acreditaria nos gnomos da floresta, nas ninfas do lago e nas fadas que dançavam sob as árvores nas noites de luar.

Ele a amaria como seus pais haviam se amado.

Era esse o tipo de amor, pleno e absoluto, que ela queria encontrar. Esse tipo de amor que tomaria as dificuldades capazes de serem suportadas, desde que estivessem juntos.

Viveriam tão felizes em um castelo como em uma caverna.

Como alguém poderia pensar que Wood Hall com seus tesouros a compensaria de

viver ao lado de um homem a quem desprezava? Um homem que se tomara notório pelo fato de se fazer acompanhar pelas mulheres mais baixas de Londres e Paris.

Não posso aceitar! Não posso! — Bela disse a si mesma.

Mais uma vez se levantou e caminhou até a janela.

— Sei que ficou chocada com a notícia — lorde Lainden declarou — mas saiba que não é preciso decidir nada imediatamente. O único problema, segundo o duque, é Jason se cansar de esperar, caso você demore muito a responder, e retomar para a França.

— Ele acredita seriamente que Jason tenha se modificado ao ponto de renunciar à sua vida de prazeres e passar o resto de seus dias no campo? Acha que o filho se satisfará com uma única mulher, tendo se acostumado a tê-las às dúzias?

— O duque quer acreditar que Jason tenha sido sincero ao confessar que seu casamento desastroso o tenha ensinado a enxergar os verdadeiros valores.

Bela estremeceu como se uma mão gelada apertasse seu coração.

— Em minha opinião, Jason se cansará em pouco tempo da vida que levamos aqui. O que acontecerá com sua esposa, então, quem quer que ela venha a ser?

— Provavelmente terá filhos que a compensarão pelo marido. Mas eu penso, minha querida, que você está tentando enxergar longe demais. O que nos preocupa, no momento, é saber apenas se Jason disse a verdade sobre estar arrependido pelo sofrimento que causou aos pais.

— Pode uma onça se livrar de suas manchas? — Bela questionou. Talvez não devesse ter falado nesse tom como tio, mas as palavras foram proferidas antes que pudesse calá-las.

— Rezemos para que Jason caso você se case com ele, seja esperto o bastante para manter sua promessa e se comportar a altura de alguém em sua posição.

— O que ele nunca fez até hoje — Bela frisou.

Lorde Lainden respirou fundo.

— Seria contra os ensinamentos cristãos recusarmos nossa ajuda a um homem, que sempre foi bom para conosco.

Bela se voltou e olhou para o tio.

— Não farei promessas, tio Edward, mas estou disposta a oferecer um jantar, daqui a três dias, para o duque e seu filho.

— Darei seu recado ao duque imediatamente — avisou o tio, com um suspiro de alívio.

— Deixe bem claro que não se trata de um compromisso, mas que eu apenas desejo rever Jason, a quem não encontro há muitos anos.

— Sim. Está combinado. Sei que o duque ficará agradecido. De qualquer forma, sempre resta a chance de Jason não querer você para esposa.

Impossível, Bela pensou. Se ela, que era uma estranha, estava sendo pressionada a se casar, imagine o que o duque não estaria fazendo com o próprio filho!

Do ponto de vista monetário, o casamento seria extremamente vantajoso para Jason, que deveria estar com dívidas acumuladas até o pescoço.

O pai vinha cobrindo seus débitos havia muito tempo com receio de um escândalo. Mas o receio da falência deveria ter sido maior, pois o verdadeiro motivo da volta de Jason para casa, Bela adivinhava, era o corte das polpudas mesadas.

Lorde Lainden, ela percebeu, estava fitando-a como se pedisse perdão. No fundo, sem dúvida, envergonhava-se pelo sacrifício que pedia que fizesse.

— Não se preocupe, tio Edward. — Ela o beijou. — Talvez as coisas não sejam tão ruins como esperamos. Talvez as nuvens se dissipem e carreguem Jason com elas.

— Você é muito corajosa para uma jovem de sua idade. Eu a respeito e admiro por isso. Sei que estou pedindo demais, mas não tenho como evitar.

— Eu entendo e vou pensar em tudo o que foi dito.

No momento em que Bela saiu da ala, o tio enxugou atesta com um lenço. Sentia-se cansado como se tivesse lutado em uma batalha. Envergonhava-se de si mesmo por ter pedido a uma garota pura, inocente e adorável para unir-se em matrimônio a um homem com a reputação de Jason.

Seu primeiro impulso, ao ouvir a proposta do duque, fora responder que o que ele queria era impossível. O duque, entretanto, antecipando essa reação, armara-se das mais diversas ameaças.

Para ele, a promessa de Jason de mudar de vida havia sido um milagre. Lutaria, portanto, com todas as suas armas para que o filho mantivesse sua palavra no futuro.

Nunca mais sentiriam compaixão por ele. Nunca mais teria de pagar suas contas astronômicas. O próprio Jason havia sugerido um novo casamento com uma mulher que os pais aprovassem.

— Encontre uma esposa para mim. papai — Jason dissera —, e então esqueceremos o passado e construiremos um futuro feliz.

A imagem de Bela se formara em sua mente antes mesmo que o filho terminasse de falar.

Ela fora a última pessoa que vira, ao partir para Londres, e lhe parecera adorável com os cabelos loiros agitados pelo vento, enquanto montava em um de seus cavalos.

Seus olhos deveriam estar brilhantes devido à excitação da cavalgada.

Era tão linda que mais parecia uma deusa do que um ser humano e, segundo seu cavaliário, cavalgava melhor do que qualquer outra mulher que já conhecera.

Bela era a resposta a todas as suas aspirações. Com a sua beleza e seu cérebro, era a única pessoa que poderia salvar Jason e fazê-lo cumprir o que prometera. Também era bonita o bastante para atraí-lo. E com sua saúde, geraria filhos dos quais a família se orgulharia e garantiria a continuidade da linhagem.

Chamou um criado e ordenou que preparassem sua carruagem para levá-lo à casa de lorde Laiden.

Após a conversa, Bela saiu para o jardim. Precisava respirar. Até o teto sobre sua cabeça parecera pressioná-la. Nos poucos minutos em que permanecera ao lado do tio, ele conseguira abalar todas as suas perspectivas de felicidade e de segurança.

Nunca imaginara que isso fosse acontecer algum dia. Sempre se sentira feliz com ele. Chegara a pensar que nunca precisaria ter amigos. Jamais encontrara alguém tão inteligente e interessante. E, acima de tudo, ele a trouxera consigo para viver no campo.

Passou-lhe pela cabeça que continuaria a viver no campo e a cavalgar, mesmo casada com Jason. Mas só em pensar naquele homem tocando-a, sentia-se estremecer.

Como poderia se casar com um homem que detestava? Um homem que ela tinha certeza, estava enganando o pai mais uma vez ao dizer que estava mudado. Um homem que já havia provado, mais de cem vezes, que era um mentiroso e um dom-Juan.

Por um instante, ela se descontrolou. Quando deu por si estava diante dos estábulos. Como não houvesse ninguém por perto, entrou na primeira baia, e em seguida nas outras. Todas estavam limpas, pois a palha era trocada diariamente. Os cavalos, que a conheciam, tentaram conseguir carinhos.

Seu pai a havia ensinado, ainda criança, a falar com os cavalos antes de montá-los. Acostumados à voz eles obedeciam ao comando com mais facilidade e chegavam a se apegar a seus donos.

Assim como tinha o dom de descobrir, muitas vezes, o que um homem ou uma mulher estava pensando. Bela acreditava que também podia entender os animais.

Já havia percorrido mais ou menos meia dúzia de baias quando Grayer surgiu.

— Não sabia que estava aqui. Srta. Bela. Deseja dar um passeio?

— Era exatamente em um passeio que eu estava pensando.

Embora estivesse de vestido e sem chapéu. Bela montou. E seu traje não causou

estranheza ao cavalarço, que sabia que a jovem adorava montar a qualquer momento.

O instinto a levou ao mais próximo dos bosques.

Ela sentia que somente entre as fadas, as ninfas, os esquilos e os pássaros, poderia raciocinar com clareza.

Acima de tudo precisava falar com Lendi e pedir seu conselho.

Percorreu o mesmo caminho seguido naquela manhã.

Ao chegar ao acampamento, contudo, não viu ninguém.

As mulheres deveriam ter ido à cidade para vender os cestos de vime que os Lees confeccionavam melhor do que ninguém, e também cabides.

Estava pensando em gritar o nome de Piramus, quando Adam saiu de uma carroça, esfregando os olhos. Sorriu ao vê-la e correu para ajudá-la a desmontar.

A porta da carroça de Lendi felizmente estava aberta. Ela não viera em vão ao acampamento.

— Eu estava esperando-a — a velha cigana murmurou, recostada em suas almofadas.

Bela não se surpreendeu. Sabia que Lendi tinha poderes de antecipar os acontecimentos.

— Estou com um grave problema.

— Eu sei — a cigana assentiu — mas a lua e as estrelas a protegem.

— Mas como elas poderão me proteger contra o mal que se abateu sobre mim?

Estou com medo, Lendi com muito medo.

A cigana colocou a mão sobre a dela.

— Sem razão.

— Por muitas razões — Bela protestou. — Preciso de sua ajuda. Preciso que me diga o que fazer.

Na verdade, o que Bela estava pedindo era que Lendi a salvasse. Que encontrasse uma solução que a impedisse de se casar com Jason sem contrariar o tio.

Embora a mão de Lendi continuasse fria, transmitia vida e muita força para ela.

A cigana, de repente, fechou os olhos.

— Obedeça a seu coração. Tenha coragem e não medo. As estrelas a protegem.

As palavras foram proferidas uma por uma, como se fossem inspiradas. Como se a velha cigana estivesse se comunicando com os espíritos das estrelas.

— Terei de me casar com ele? — Bela indagou com um fio de voz.

Fez-se um breve silêncio.

— Case-se com quem o seu coração mandar e será feliz, muito feliz.

Em seguida, Lendi soltou-lhe a mão e abriu os olhos. Bela se inclinou e beijou-a. Sabia que não deveria perguntar mais nada.

— Obrigada. Farei o que me disse e seguirei meu coração.

Mas não seria fácil, ela pensou, conforme se afastava da carroça. Na verdade, seria quase impossível.

De qualquer forma, Lendi lhe infundira algum ânimo e ela estava se sentindo melhor. Deu uma moeda a Adam e se afastou a galope.

Seguiria o conselho da cigana e não deixaria a esperança morrer em seu coração.

CAPÍTULO III

Durante dois dias, Bela se dedicou aos preparativos para o jantar, tendo em mente a impossibilidade de Jason e ela se encontrarem a sós por um minuto sequer.

O jantar não poderia se tomar íntimo.

Bastaria que o visse por alguns instantes para se certificar de que ele havia ou não mudado. Quanto à sua aparência, não acreditava que houvesse melhorado depois da última vez em que estiveram juntos.

Seu coração ficava apertado a cada vez que pensava naquele homem. Porém, como amava muito o tio, não poderia se recusar a ajudá-lo.

Sensível como era, ele não abordou o assunto por uma única vez naqueles dias, embora fosse evidente sua preocupação.

Bela culpava o duque, ele sim, por tê-los colocado em uma situação tão delicada. Como melhor amigo de seu tio, nunca deveria tê-lo obrigado a resolver problemas que só diziam respeito a ele e à sua família.

Ela chegou a pensar em convidar algumas moças do condado para afastar definitivamente a ideia de um jantar de noivado, mas acabou decidindo o contrário. Apesar de simpáticas, as jovens que conhecia não eram capazes de manter uma conversação inteligente. Além disso, Jason não poderia deixar de compará-las às mulheres lindas e sensuais que conhecera em Paris.

Por fim, depois de muito refletir, ela resolveu convidar um casal, cuja felicidade era conhecida por todos. Os dois estavam casados havia seis anos e eram chamados, bem apropriadamente, como "os pombinhos do amor".

Bastava um olhar para se reconhecer que ambos haviam sido feitos um para o outro e que nada no mundo lhes importava, a não ser o amor que os unia.

O outro casal que estaria presente era amigo de seu tio. O homem, quando mais jovem, fora comandante de um regimento e, no momento, encontrava-se aposentado e vivendo com a família feliz e numerosa.

Sua esposa ainda era muito atraente e sempre exibia um sorriso nos lábios. Era óbvio que adorava o marido.

Ao observar os dois casais, Bela cogitou, Jason terá uma ideia do comportamento que se espera que ele tenha, quando se casar.

Além dos dois casais, Bela pensou em convidar também uma senhora viúva que morava no povoado vizinho, e que se chamava lady Southgate. O marido, bem mais idoso do que ela, havia falecido ao contrair uma doença tropical no oriente, onde atuara como governador de Hong-Kong.

Lorde Lainden havia se tomado um grande amigo do casal, e permanecido com eles sempre que se dirigia àquela parte do mundo.

Como, ao morrer, o marido não a deixou bem amparada, lady Southgate retomou a Inglaterra, se instalou no campo e passou a criar e vender cães.

Ainda era bastante jovem e bonita. Não deveria ter mais de trinta e cinco anos na opinião de Bela.

Mesmo que Jason não se interessasse por ela, seu tio teria muito prazer em revê-la.

Acostumada a receber pessoas importantes em sua casa, e a frequentar festas, como esposa de um governador, ela certamente seria uma presença valiosa no jantar.

Outra providência que consumiu grande parte de seu tempo foi à escolha do cardápio, juntamente com a Sra. Beston.

Apesar de sentir arrepios só em pensar em ver Jason, ela e o tio não poderiam deixar de oferecer um lauto jantar aos convidados.

Quanto aos vinhos, ela consultou Storton, o mordomo, ciente da importância dessa escolha para o sucesso da festa.

Todos os detalhes acertados, restava-lhe orar para que Jason não percebesse o que ela realmente sentia por ele.

A simples ideia de encontrá-lo a fazia enxergar o céu com nuvens escuras, como se pressagassem uma tempestade.

No terceiro dia, tensa e agitada, sem ter com o que se ocupar, nem o tio para conversar pois ele estava ocupado em prosseguir na redação de seu livro. Bela decidiu visitar os ciganos novamente.

Gostaria de ter outra conversa com Lendi para se certificar de que seu futuro não seria tão tenebroso quanto o presente fazia crer.

Assim que soubera de sua presença na região, ela providenciara para que um cavaliço levasse ovos e galinhas para o acampamento.

Naquela manhã enviara verduras e legumes e agora, levaria flores.

Colheu um grande buquê e se dirigiu aos estábulos.

Apoio, seu cavalo, a reconheceu de imediato, tentando agradá-la com o focinho, e fazendo-a se sentir culpada.

Como haviam outros cavalos mais bonitos e velozes, de propriedade do duque, mas à sua disposição, ela vinha negligenciando o pobre Apoio.

No entanto, caso sua situação se agravasse e ela fosse obrigada a tomar uma medida drástica para não se casar com Jason. só lhe restaria o seu cavalo.

— Eu quero cavalgar o Apoio — decidiu-se.

E partiu para Long Meadow sem se importar em vestir suas botas e culotes. A distância era curta e quem ela poderia encontrar durante o trajeto, afinal?

A tarde estava ensolarada e quente e ela tentou relaxar, como sempre acontecia quando estava cavalgando, que era uma das coisas que mais gostava de fazer.

Naquele dia, porém, estava tão preocupada com a perspectiva de encontrar Jason, que não conseguiu pensar em mais nada.

Após o jantar, seu tio e o duque estariam ansiosos para que Jason a pedisse em casamento, e ela se veria em uma posição de desespero.

Em quinze minutos chegou ao acampamento que, como da outra vez, estava vazio e silencioso.

Ao se aproximar, entretanto, viu Pirusus saindo de uma carroça.

— E um grande prazer revê-la, milady. Estou contente que tenha vindo se despedir de nós.

— Vocês estão de partida? — Bela indagou, surpresa.

— Partiremos amanhã cedo — respondeu Pirusus. — Sentimo-nos felizes aqui e somos muito gratos por tudo que milady e milorde nos deram, mas não podemos ficar.

Bela sabia que os "andarilhos", como os ciganos eram frequentemente chamados, não se detinham por muito tempo em um lugar.

Muitas eram as lendas que explicavam esse hábito estranho. Uma delas, na qual Bela mais acreditava, era que os ciganos haviam colocado os pregos na cruz onde Cristo fora sacrificado, e que por isso haviam sido condenados a vagar pelo mundo até o retomo do Salvador.

Os Lees eram verdadeiros ciganos romenos, e como todos os de sua raça, possuíam seus próprios tabus e suas próprias tradições como as do casamento, da morte, e do sepultamento.

Muitas de suas mulheres dedicavam-se à leitura da sorte, embora poucas. Bela tinha certeza, possuísem os poderes de Lendi.

Grande parte de seus homens eram violinistas.

Por outro lado comentava-se na região que eles não dançavam e tocavam tão bem

quanto as tribos continentais.

Bela nunca havia perguntado a Piramus se ele e sua família dançavam nas festas.

Ela adoraria assistir uma, mas isso provavelmente teria de ficar para outra vez já que eles estavam de partida. Mas ao menos poderia falar com Lendi.

Deslizou sobre a sela e desmontou.

— Trouxe flores para sua mãe.

— Ela ficará muito contente, milady. No momento, porém está dormindo. Seria uma pena acordá-la.

— Eu não faria isso, mesmo que você não tivesse me prevenido. Subirei em silêncio e deixarei as flores em sua cama, para que as veja logo que acordar.

Apoio ficou aos cuidados de Piramus e Bela subiu até a carroça, onde encontrou a velha cigana, conforme o filho dissera, profundamente adormecida.

Seria bom poder falar com ela naquele instante e ainda melhor se pudesse voltar à noite, após o jantar com Jason e o duque, mas ao que as circunstâncias indicavam, ela teria de se contentar com a mensagem que Lendi lhe transmitira ao chegar.

A velha cigana estava doente e precisava descansar.

Mas mesmo em seu sono, parecia transmitir serenidade a Bela. A jovem aflita chegou a ouvir a voz de Lendi em sua alma. dizendo-lhe que seguisse os mandamentos de seu coração.

— Isso será impossível se eu tiver de me casar com Jason — Bela sussurrou.

Passados alguns minutos, embora Bela rezasse fervorosamente para que a cigana acordasse e lhe desse alguma explicação sobre a mensagem do outro dia. ela não se moveu.

Nada mais lhe restava fazer, exceto voltar para junto de Piramus e de Apoio.

— E um belo animal — ele elogiou.

— E um bom amigo. Eu já o trouxe aqui no passado.

Piramus fez um gesto afirmativo com a cabeça e sorriu.

Ele entendia o sentimento de Bela pois para os ciganos, os cavalos eram sagrados. Tratavam-nos com tanta bondade que os animais os obedeciam quase como se fossem seres humanos.

— Eu gostaria que vocês ficassem mais um pouco. Uma pena que tenham de partir tão rápido. Despeça-se de sua família por mim e diga-lhes que meu tio e eu estaremos aguardando-os no próximo ano.

Ela quase acrescentou que talvez, não estivesse mais morando na mesma casa nessa ocasião. Mas estava conversando com Piramus e não com Lendi.

Estendeu a mão.

— Adeus, Piramus. Cuide-se. Você sabe o quanto meu tio e eu os estimamos.

Piramus se inclinou numa reverência.

— Milady é muito amável. Sempre que precisar de nós aqui estaremos.

— Como eu poderia avisá-los se estivesse em dificuldade? — Bela quis saber.

— Chame-nos e nós ouviremos.

O modo com que Piramus falou foi tão firme e positivo que Bela acreditou.

Essa certeza a confortou, pois mesmo que as outras pessoas lhe falhassem, ainda teria os ciganos com quem contar.

— Obrigada — agradeceu, sincera.

Piramus tomou a se inclinar e ela partiu.

Quando chegou, conduziu Apoio até os estábulos, e em seguida entrou na casa.

Storton já havia arrumado a mesa para o jantar e colocado em seu centro o arranjo de flores que a própria Bela havia preparado.

Os candelabros de prata haviam sido polidos e os copos de cristal brilhavam a luz.

— Está tudo muito bonito. Storton — Bela o elogiou, ciente de que o mordomo

apreciava que reconhecessem seu trabalho. — Tenho certeza de que o duque ficará bem impressionado com a decoração e também com os pratos que a Sra. Beston e eu escolhemos.

Como sobremesa, Storton avisou, teriam morangos colhidos do jardim, e uvas trazidas de Wood Hall.

— O que mais deverá vir da propriedade do duque? — Bela indagou.

— Quatro garrafas de champanhe, Srta. Bela e mais duas garrafas de uísque e uma de Cointreau.

A tensão a fez franzir a testa.

Era óbvio que o duque estava disposto a fazer daquele jantar uma comemoração importante.

Porém, como de nada adiantaria fazer qualquer comentário com o mordomo, Bela apenas parabenizou-o mais uma vez pela arrumação da mesa e deixou a sala de jantar.

Seu tio a mandou chamar, em seguida, para que tomassem o chá juntos.

Seu nervosismo ultrapassava o da sobrinha, e foi com esforço que procurou manter uma conversa leve e agradável sobre seu livro.

Assim que a deixou, Bela subiu para o quarto para se vestir.

Sua vontade era colocar o vestido mais feio que tivesse, ou então um que fosse inteiramente preto. Em seguida se reprovou por estar sendo infantil e tola.

Seria um terrível erro de sua parte contrariar o duque antes que fosse absolutamente necessário.

— O que eu tenho de fazer é dar tempo ao tempo — Bela falou consigo mesma. — O duque está com pressa de casar o filho por medo de que ele volte atrás em sua palavra e que seu súbito arrependimento seja esquecido da noite para o dia.

O mais provável seria Jason regressar para Paris, e o que Bela desejaria acima de tudo.

Restava ter o cuidado de não dar demonstração ao tio ou ao duque de que ela estava evitando Jason deliberadamente.

Tempo! Era de tempo que precisava!

Forçou-se, então, a vestir um de seus vestidos mais bonitos. O mais bonito, aliás. E o mais novo.

Fora sua última compra antes de se mudar de Londres para o campo e ainda não tivera oportunidade para estreá-lo.

Infelizmente não poderia exibi-lo em uma festa importante ou em um baile no palácio da rainha, onde, talvez, fosse conhecer o príncipe de seus sonhos. O homem que a entenderia e que amaria as mesmas coisas que ela.

— Nós dois saberíamos, no momento em que nos encontrássemos, que havíamos sido feitos um para o outro...

Bela mirou seu reflexo no espelho e continuou, enlevada:

— As palavras não seriam necessárias, pois nossos corações fariam por nós.

Aquele era o seu sonho e ela o conservou, vivido, em sua mente até terminar de se vestir e de se pentear.

Seu vestido era branco com bordados delicados que lembravam pequenos diamantes. O brilho que proporcionavam parecia o de gotas de orvalho sobre as pétalas de uma flor.

Emily, a camareira, prendeu seus cabelos na nuca, arrematando o penteado com três rosas em tom pálido.

Nenhuma tiara teria surtido um efeito tão fascinante.

No pescoço. Bela colocou um colar de pérolas que havia pertencido à sua mãe. e no pulso, um bracelete que lhe fazia conjunto.

"As jovens não devem abusar das joias" — sua mãe sempre dissera. Mas o fato de

Bela estar usando algo que lhe pertencera, parecia ajudá-la.

— O que você teria dito mamãe? Que eu deveria me casar com Jason ou teria vindo com uma ideia súbita e brilhante que me ajudasse a escapar desse terrível destino?

Bela, então, se lembrou das estrelas.

Levantou-se da penteadeira e caminhou até a janela. Puxou as cortinas. Ainda não estava completamente escuro, mas as primeiras estrelas já brilhavam sobre as árvores.

— Ajude-me mamãe, ajude-me! Estou com medo e o tio Edward, também. O duque é um homem muito poderoso e poderá se tomar um grande inimigo nosso.

Embora ela não mais pudesse ver sua mãe sentia que ela estava ouvindo sua prece e sorrindo.

Mesmo que não fosse verdade, a imagem que se formou em sua mente lhe deu um imenso conforto.

Nesse instante se afastou da janela e deixou o quarto.

O tio a aguardava na sala de estar, impecavelmente vestido. Os candelabros já haviam sido acesos e o ambiente parecia aconchegante.

— Você está adorável, minha querida. Meu maior desejo seria poder levá-la, neste instante, a um baile em Londres, ou a um jantar em Marlborough House.

— O meu também, mas como isso não será possível, tentemos nos divertir esta noite, da maneira que pudermos. Contaremos com a presença encantadora de lady Southgate, pelo menos, que estará sentada a seu lado, e que sempre foi uma ótima companhia.

— E Jason, quem você colocou ao lado dele? — lorde Laiden quis saber.

Aquela era uma pergunta que Bela preferiria não responder, e que, por sorte foi evitada com a chegada de Storton, anunciando dois convidados.

Como anfitriã. Bela considerou que deveria colocar o duque a seu lado direito, e o mais idoso dos homens a seu lado esquerdo.

Jason ficaria, muito convenientemente, ao lado direito de lady Southgate, e sua outra vizinha de mesa seria a jovem, que tanta felicidade encontrara em seu casamento.

Durante as conversas, a jovem senhora certamente falaria sobre o marido, dando um exemplo vivo a Jason de como um casal deveria ser.

Os convidados chegaram quase que ao mesmo tempo.

Conforme Bela antecipara, seu tio ficara muito feliz em receber lady Southgate em sua casa, muito atraente em seu vestido de noite, e muito animada com o nascimento de mais uma ninhada de cachorrinhos, que, ela tinha certeza, se tomariam campeões.

Seu entusiasmo contagiou todos os presentes, e foi nesse clima que Storton anunciou a chegada dos últimos e ilustres convidados:

— Vossas Senhorias, o duque de Marchwood, e o conde de March.

Os dois homens entraram na sala e ela se sentiu enrijecer. Apenas quando o duque a beijou no rosto, conseguiu olhar para Jason.

A primeira vista, ele lhe pareceu melhor do que esperava, e mais magro. Talvez a infelicidade de seu casamento o tivesse feito amadurecer, de alguma forma. Entretanto, quando ele segurou sua mão dentro da dele a mesma sensação desagradável do passado voltou a incomodá-la.

Era como se o toque de Jason a tivesse contaminado.

Seu tio, felizmente, a salvou desse contato indesejável e começou a conversar com Jason sobre os tempos em que ele ainda era menino e que os dois costumavam caçar juntos.

Bela se afastou para o outro extremo da sala, fingindo ter algo para falar com uma das convidadas. Em seu íntimo sabia que estava era fugindo de Jason e daquilo que ele a fazia sentir.

O jantar foi anunciado em seguida.

Os convidados terminaram de esvaziar suas taças de champanhe e foram conduzidos para a sala contígua.

Os cartões com os respectivos nomes encontravam-se diante de cada cadeira.

Com um olhar de esguelha Bela percebeu que o duque ficara contrafeito ao notar que Jason não se sentaria ao lado dela, embora nada dissesse.

Assim que o primeiro prato foi servido. Bela procurou falar sobre cavalos, pois aquele era um tema que sempre interessava ao duque.

Em poucos instantes, pela alegria e pelos risos à mesa, tomou-se óbvio que a festa seria um sucesso.

Jason, inclusive, talvez por causa das instruções recebidas do pai, estava se comportando de maneira gentil e charmosa para com todos os presentes.

As duas mulheres que o rodeavam riam com prazer.

E o duque sorria, sempre que olhava na direção do filho.

Por volta do final do jantar, ele perguntou a Bela:

— O que planejou para depois da refeição?

— Pensei que seria agradável passarmos para a sala de estar e conversarmos, em vez de jogar bridge, que considero um jogo um tanto monótono. Como o senhor sabe, meu tio não gosta de dormir tarde e outros tipos de entretenimentos poderiam fazê-lo atravessar a noite.

Quem realmente queria se recolher cedo era Bela, mas ela não teria ousado ser franca.

— Tio Edward tem trabalhado tanto em seu livro, que eu teria pena de obrigá-lo a permanecer acordado até muito tarde.

O duque sorriu.

— Edward já atravessou muitas noites sem dormir quando estava na ativa. Lembro-me de suas histórias sobre os alemães que se recusavam invariavelmente a se recolher à uma hora razoável, e sobre os franceses que se deitavam somente ao amanhecer.

— Eu também me lembro dessas histórias. — Bela riu.

— Talvez seja por isso que nós sempre nos deitamos cedo e nos levantamos cedo.

— Sobre você eu tenho certeza — comentou o duque.

— Todos os dias quando me levanto e olho pela janela, vejo-a cavalgando em direção ao bosque.

— Adoro este lugar — Bela confessou — e adoro cavalgar.

— Espero, então, que este lugar continue sempre à sua disposição — replicou o duque, significativamente.

Mais uma vez. Bela sentiu como se uma mão de gelo apertasse seu coração.

O duque a estava prevenindo, até mesmo ameaçando-a, de que caso não fizesse o que ele queria, o bosque e os estábulos seriam fechados a ela.

Foi com um imenso esforço que Bela continuou a falar, como se nada houvesse acontecido.

— Confio que Vossa Senhoria fará com que todos respeitem o sono de meu tio despedindo-se em um horário razoável.

O duque não respondeu. Em vez disso, falou muito baixo:

— Percebi que Jason não teve chance de se aproximar de você. Eu farei com que a visite novamente, portanto, amanhã à tarde. Digamos às três horas?

Foi a vez de Bela não responder. Não era necessário. O duque sabia que ela não se recusaria a receber seu filho.

Por sorte, poderia interromper a temível conversa, pois chegara o momento de levar as damas para outra sala.

— O jantar estava delicioso — elogiou lady Southgate, conforme caminhavam pelo corredor. — Não esqueça de cumprimentar sua cozinheira por mim.

— Não esquecerei. Como todas as pessoas, ela gosta muito de receber elogios.

— É claro. Por que não vem me visitar, um dia destes, e elogia também os meus cachorrinhos? Eles são umas gracinhas.

— Gostaria muito de ir. Pedirei a tio Edward. inclusive, para me deixar ficar com um.

— Oh. não se preocupe com isso. Eu já lhe prometi o melhor da ninhada — respondeu lady Southgate. — E sabe quem ficará com outro? O conde.

Segundo as aparências, Bela cogitou. Jason realmente parecia disposto a se estabelecer.

A perspectiva a apavorou.

As damas pediram licença para empoearem os rostos e retocarem os penteados e Bela as levou a seu quarto.

— Fiquei surpresa em ver o conde de March aqui esta noite. Não fazia ideia de seu regresso — comentara uma das senhoras.

— O vilarejo inteiro não fala de outra coisa desde que ele chegou. — Riu lady Southgate. — Só agora souberam sobre o falecimento de sua esposa.

— Que não deve ter sido muito sentida — opinou a outra. — Pelos comentários que ouvi ela era tão vulgar que ninguém a teria aceito na Inglaterra.

— Agora ele poderá construir uma vida nova em Wood Hall — declarou lady Southgate. — Quem não seria feliz em uma casa maravilhosa como aquela?

— E com todos aqueles cavalos incríveis — acrescentou a primeira. — Não sabe o quanto a invejo — ela olhou para Bela — por montá-los. Jimniy me prometeu um novo cavalo como presente de aniversário, mas eu sei que por mais que ele se esforce, não poderá me dar um à altura dos exemplares existentes nos estábulos do duque.

— Acho que ninguém poderia — concordou Bela.

Assim que retomaram a sala de estar, onde os homens já as aguardavam, ambos os casais a convidaram e ao tio para jantarem em suas casas, na semana seguinte.

Após cerca de uma hora. o duque se levantou.

— Como nosso anfitrião e eu também, gostamos de nos recolher cedo, quero me despedir.

— Fique mais um pouco — apressou-se a dizer lorde Lainden.

— De forma alguma. — O duque sorriu. — Bela me contou que você tem trabalhado muito.

— Isso é verdade, mas ainda há tempo para tomarmos um último drinque.

O duque negou com um movimento de cabeça.

— Não. Eu e Jason já estamos de saída. — Em seguida, ele falou bem baixo para que apenas lorde Lainden o ouvisse. — Eu disse a Bela que Jason voltaria para vê-la amanhã à tarde.

Lorde Lainden limitou-se a fazer um gesto de concordância com a cabeça.

O duque se despediu de todos os presentes. No momento em que ele e Jason começaram a se dirigir para a porta, os dois casais também se levantaram.

Lorde Lainden não tentou detê-los. Em vez disso, acompanhou-os até o hall.

O duque e Jason já vestidos com seus casacos e chapéus, aguardavam a chegada de sua carruagem, assim como os demais casais.

Enquanto isso lady Southgate e Bela trocavam as últimas palavras na sala de estar.

— Foi uma noite muito agradável. Uma pena que toda a sua beleza tenha sido desperdiçada com gente tão velha.

— Pois eu me sinto feliz que a senhora tenha se divertido— respondeu Bela — e também nos contado sobre seus cachorrinhos.

— Seu tio prometeu me visitar, assim como o conde. Eu senti muita pena dele. A esposa o feriu profundamente.

Bela ainda não havia pensado em Jason sob esse prisma.

Se ele amara a esposa, como diziam, seu comportamento indigno deveria tê-lo chocado. Talvez fossem verdadeiros os boatos sobre ele ter caído em uma armadilha.

— A senhora sempre diz coisas boas sobre as pessoas.

— Eu tento, embora nem sempre seja fácil — lady Southgate retrucou.

Bela sabia que estava diante de uma pessoa bondosa e afável e se sentiu recompensada por ter pensado em convidá-la.

Quando as duas chegaram ao hall os demais convidados ainda estavam lá.

As carruagens dos casais foram as primeiras a serem trazidas dos estábulos.

— Não sei o que houve com sua carruagem, Ralph — lorde Lainden se desculpou, constrangido.

— Os cavaleiros devem ter sentido dificuldade em lidar com um dos cavalos. Esta foi a primeira vez que um deles foi atrelado à carruagem.

— O que os cavalos precisam é de mãos firmes. Sempre achei Grayer um incompetente em seu trabalho. E hoje tivemos uma prova disso.

O modo brusco de Jason falar fez com que Bela o fitasse, perplexa, e também que se lembrasse da maneira cruel com que ele sempre tratara os animais, chicoteando-os desnecessariamente e castigando-os quando não atingiam suas expectativas.

Um homem como ele seria capaz de bater em sua mulher. Bela pensou com um estremecimento.

Ao ver a carruagem do duque finalmente apontando pelo caminho, ela se apressou a se afastar em direção às escadas, mas Jason a seguiu, e tomou sua mão entre as dele.

— Eu a verei amanhã, às três horas. Não vá se esquecer.

O modo insistente com que falou deu-lhe a entender que o pedido de casamento não deixaria de ser feito.

O toque de suas mãos a deixou com a mesma sensação de antes: de repulsa e horror.

— Não esquecerei — forçou-se a responder.

— Melhor assim — Jason a encarou.

Bela não esperou que a carruagem se afastasse para correr para seu quarto e trancar a porta.

Não apenas o duque a ameaçara, mas também seu filho. O pânico a invadiu. Tinha medo de Jason, da pressão que ele e o pai estavam fazendo para que se casasse, medo de acabar concordando e de se ver ao lado de um homem que detestava.

Foi nesse instante que entendeu que só lhe restava fugir.

Jason não a esperaria, conforme ela havia planejado. E não haveria a menor chance de ela se recusar sem ofender o duque.

A armadilha estava armada e só faltava um sopro para que se fechasse ao seu redor.

— Não posso... Seria pedir demais de mim...

Ela olhou ao redor como se esperasse que as paredes se abrissem e lhe proporcionassem um esconderijo seguro.

Então, subitamente, como se uma força superior a ela a guiasse. Bela soube o que fazer.

Não seria difícil, mas ela precisava ter coragem para seguir a sua intuição.

Estava parada no meio do quarto quando ouviu os passos do tio pelo corredor.

— Obrigado Bela — ele agradeceu, depois de bater à porta. — O jantar estava excelente e acho que todos se divertiram.

— Sim, acho que sim.

— Soube que Jason voltará aqui amanhã à tarde.

— Foi o que ele disse — Bela murmurou.

— Espero que tudo acabe dando certo. Boa noite, minha querida.

Bela esperou até que os passos se afastassem pelo corredor para começar a se despir.

Tirou o colar e depois o vestido. Em seguida, colocou a roupa que deveria usar no outro dia.

O próximo passo seria escrever uma carta.

Atravessou o quarto e se sentou diante da escrivaninha, de cuja gaveta retirou uma folha de papel e uma caneta. Não hesitou diante de uma palavra sequer. Era como se alguém estivesse lhe ditando a mensagem.

“Querido tio Edward,

Preciso me afastar por algum tempo para refletir sobre o que esperam que eu faça, e para me recuperar do que foi um choque inesperado.

Sei que o senhor, mais do que ninguém, será capaz de me compreender.

Diga ao conde, quando ele chegar, que eu infelizmente havia me esquecido de uma promessa que fizera de passar alguns dias com uns amigos, em um cruzeiro pela costa.

Diga-lhe também, que o fará saber, assim que eu retomar. Dessa forma nem ele nem o duque poderão culpá-lo de nada.

Perdoe-me, mas isso foi algo que eu tive de fazer, pois ainda não me sinto preparada para conversar com Jason.

Sua devotada sobrinha, Bela.”

A carta foi dobrada e colocada dentro de um envelope endereçado ao tio.

Bela pensou, a seguir, nas roupas que precisaria levar. Apanhou o cesto, no quarto ao lado onde Emily costumava carregar as roupas a serem lavadas, e guardou dentro dele apenas os seus vestidos mais simples, algumas peças íntimas, sapatos leves e sua escova de cabelo.

Com a alça do cesto no braço, e a carta na mão, ela soprou as velas e saiu para o corredor.

Conforme esperava, a casa estava em penumbra. Caminhou na ponta dos pés e deixou a carta diante do quarto do tio. Desceu, então, para o andar térreo pela escada dos fundos. Saiu para o jardim e correu para os estábulos, protegendo-se entre os arbustos.

O velho cavaleiro felizmente dormia em sua própria casa e ela não corria nenhum risco de ser surpreendida por ele ou pelo rapaz que o ajudava que ao anoitecer, voltava todos os dias para o vilarejo.

Selou Apoio em questão de minutos e amarrou o cesto sobre ele. Montou, por fim e partiu sem pressa em direção a Long Meadow.

A lua e as estrelas estavam tão brilhantes que foi muito fácil encontrar o caminho.

Era como se a luz, que a envolvera para tomar aquela decisão, continuasse orientando-a.

Ao longe encontravam-se as carroças dos ciganos e os vestígios de uma fogueira.

A voz de Lendi ainda soava em seus ouvidos, dizendo que deveria obedecer seu coração.

Fora o que ela fizera.

Seu coração lhe dissera que seria completamente impossível ela se casar com Jason.

CAPÍTULO IV

Ao se aproximar, Bela constatou, com alívio, que havia um homem junto ao fogo que se extinguiu. E esse homem só poderia ser Píramus.

Mais alguns passos e ela o reconheceu, embora a fitasse com expressão de assombro.

— Boa noite, milady. Estava tentando adivinhar quem poderia estar nos visitando a esta hora da noite. Não imaginava que seria a senhorita.

— Vim lhe pedir ajuda — Bela replicou.

Píramus olhou imediatamente para o cesto que trazia amarrado à sela de Apoio.

— Por favor Píramus, posso ir com vocês? — ela suplicou. — Eu precisei fugir de casa e não tenho para onde ir, Lendi será informada de todos os motivos que me levaram a essa atitude desesperada.

Havia lhe ocorrido, subitamente, que Píramus poderia se negar a levá-la com medo da ira de seu tio ou talvez, da ira do próprio duque.

Mas, para seu alívio, Píramus lhe sorriu.

— Tudo o que eu puder fazer pela senhorita farei com prazer. As estrelas me recompensarão.

Bela se sentiu tão agradecida que nem soube o que falar, permaneceu muda e imóvel diante dele, e ainda incrédula em sua sorte.

Píramus foi mais prático.

Em primeiro lugar, desamarrou o cesto e retirou-o da sela de Apoio. Depois, levou o cavalo para trás das carroças e para junto dos outros animais.

Bela ainda não conseguia se mover. Olhava para o fogo e para o céu e as estrelas pareciam lhe dizer que fizera o que deveria ser feito.

Mas continuava com medo de Jason.

O que ele e o duque fariam quando soubessem, no dia seguinte, que ela não se encontrava em casa?

Confiava que o tio através da experiência adquirida nos longos anos em tarefas diplomáticas, conseguiria acalmá-los com a promessa de que ela estaria volta em poucos dias.

A verdade era que Bela ainda não sabia quando encontraria coragem para voltar.

O futuro lhe parecia totalmente incerto.

Píramus retomou com a sela e os arreios de Apoio e guardou-os dentro de uma carroça, que deveria lhe pertencer.

Ao voltar à sua presença, indicou-lhe a carroça de Miréli

— Fico-lhe muito grata e espero que Miréli não se aborreça em ter de dividir seu espaço comigo.

— Ela se sentirá honrada, milady — Píramus garantiu.

Bela não teve muita certeza disso, mas estava ciente de que ninguém da tribo ousaria contrariar a ordem do líder.

Colocando o cesto sobre o ombro, Píramus a conduziu para a carroça que ficava ao lado da de Lendi.

Seu interior não estava escuro, pois a luz da lua e das estrelas penetrava através das janelas, e Bela pôde ver Miréli adormecida.

A seu lado havia uma cama vazia, que Píramus arrumou com cobertores e um travesseiro.

— Amanhã lhe daremos lençóis.

— Obrigada. Tudo o que preciso é de um lugar para me deitar.

— Então deite-se e descanse, milady. Partiremos amanhã bem cedo.

Ele fechou a porta atrás de si, mas a luz que entrava pelas janelas foi suficiente para que Bela se orientasse.

Tirou o vestido e se deitou, sem tentar encontrar sua camisola. Não queria acordar Miréli. Estava tão esgotada depois do pânico pelo qual passara e também devido ao redemoinho de pensamentos que a levaram a fugir, que não queria ter de lhe explicar a razão de sua presença em sua carroça, àquela hora.

O encontro com Jason fora ainda pior do que esperara e não lhe restara outro caminho senão a fuga.

Precisava de tempo para pensar, tempo para decidir e tempo para planejar.

Graças a Lendi, que lhe contara que as estrelas a protegiam, estava salva.

Se tivesse esperado mais um dia seria tarde demais, pois os ciganos já estariam distantes, e ela não teria mais ninguém a quem recorrer.

Aquele deveria ter sido seu último pensamento antes de adormecer, pois quando deu por si as rodas estavam se movendo.

Era muito cedo.

As estrelas já haviam abandonado o céu, mas o sol ainda não havia nascido.

Não se ouvia nenhuma voz. Os únicos ruídos provinham das rodas. Ela soube, pela primeira vez que os ciganos não gostavam de ser observados quando partiam de um lugar.

Chegavam em silêncio e partiam da mesma forma. Não gostavam que lhes fizessem perguntas e especialmente de serem seguidos.

Eram pessoas que faziam questão de sua independência.

Em seguida. Bela deveria ter tornado a dormir, pois quando abriu os olhos o dia já estava claro.

Miréli estava sentada na outra cama e a fitava, espantada.

— Não a ouvi chegar.

— Desculpe se a assustei. Você estava dormindo profundamente quando Píramus me trouxe até aqui.

— Seguirá conosco, milady? — Miréli quis saber, ainda surpresa.

— Se você não se importar em dividir sua tenda comigo.

— Claro que não. Sinta-se como se estivesse em sua casa.

— Eu fugi — Bela confessou. — Preciso que você, Lendi e Píramus me escondam.

— No que depender de mim, ninguém a encontrará — Miréli garantiu.

Mais tarde, a caravana se deteve para que todos pudessem tomar o café da manhã.

— A senhorita seguirá conosco? — alguns dos ciganos indagaram, preocupados.

— As pessoas estranharão.

— Não se eu ficar parecida com vocês — Bela se apressou a se defender. — Talvez se eu usasse um lenço na cabeça, ninguém notasse.

— Faremos melhor do que isso, milady — disse uma das mulheres.

Terminado o desjejum, a maioria das pessoas voltou aos seus afazeres.

A mulher, que falara com Bela, entrou na carroça de Miréli.

— Se a senhorita não quer ser reconhecida, deve se disfarçar de cigana.

— Vocês me emprestarão uma roupa?

— Sim, e mudaremos seu cabelo.

— Como?

— Tingindo-o de preto.

— Prefiro amarrar um lenço na cabeça — Bela retrucou.

— Não seria um disfarce tão eficiente. Além disso, nós, ciganos, aprendemos a arte da preparação de uma tinta facilmente removível. Não ficará com os cabelos pretos para

sempre. Bastará lavá-los para voltar a ser loira.

Bela não havia antecipado esse problema. Nem com relação a cor dos cabelos, nem dos olhos.

Os cabelos seriam disfarçados pela tinta, mas seus olhos azul-escuros, quase violeta, não poderiam ser mudados.

Ela os herdara da mãe.

— Nosso cabelo loiro e nossos olhos azuis vem de nossos antepassados — ela comentava de vez em quando.

Sabia-se que os vikings haviam invadido a Escócia no passado e violado muitas mulheres, o que resultara no nascimento de muitas crianças com características nórdicas.

A cigana saiu por um momento e quando voltou, trouxe consigo um cachorro branco e marrom. Mandou que deitasse e ele obedeceu. Em seguida, com o auxílio de um pincel e de um pote de tinta preta, pintou uma parte do pêlo branco.

Bela observou a operação com interesse.

Sabia que se tratava da mesma tinta que a mulher queria passar em seu cabelo.

Era muita gentileza da parte dela se dar a tanto trabalho, pois não tinha a menor intenção de se tomar morena como as romenas por meses e meses, até que seus cabelos voltassem à cor natural.

A tinta foi espalhada e deixada para secar.

— Esta tinta foi preparada com ervas especiais que só os romenos conhecem. Nós a usamos quando nossos cabelos começam embranquecer, ou quando se tomam opacos.

Bela não respondeu. Ainda não estava convencida a deixar que lhe tingissem os cabelos.

A cigana também se calou.

Passados alguns minutos, tocou o pêlo do animal para se certificar de que estava seco. A um olhar da outra cigana, Miréli apanhou uma jarra de água, que se encontrava ao lado de sua cama, despejou um pouco em uma bacia, e entregou-a.

A mulher mergulhou um pano e em seguida esfregou o pêlo do cachorro.

Para perplexidade de Bela, a tinta foi instantaneamente removida.

A cigana riu de sua expressão.

— Milady está pensando que eu fiz uma mágica? Não se trata disso, mas apenas de uma receita muito antiga de nosso povo.

— E incrível! — Bela exclamou. — Eu poderei me tomar morena enquanto for necessário, e voltar a ser loira, quando quiser!

Algo a fez pensar, de repente, em seu tio.

Quando ele soubesse que os ciganos haviam partido, fatalmente descobriria onde ela estava escondida. Restava-lhe rezar para que o duque não fosse tão esperto.

O perigo de ser seguida, portanto, não estava descartado.

O tio poderia perfeitamente resolver que um cavaliário deveria segui-la e trazê-la de volta para casa.

Se isso acontecesse, ele procuraria uma loira, e não a encontraria.

Enquanto parecesse morena, estaria salva.

Com um gesto de consentimento. Bela permitiu que a cigana passasse o líquido negro por todo o seu cabelo, só vindo a se olhar no espelho depois que o processo foi concluído.

Nem seu melhor amigo a reconheceria de tão diferente que ficara.

O tom escuro dos cabelos acentuara a pele alva e translúcida, dando-lhe a aparência de uma pérola.

— Agora você está se parecendo como uma de nós — Miréli aprovou.

A viagem foi retomada.

As duas jovens conversaram por longas horas e Bela foi informada de que o grupo

costumava parar apenas para o café da manhã e para o jantar, por volta das seis horas.

— Amanhã eu a levarei até Lendi. Ela está me ensinando tudo o que sabe. É uma cigana muito sábia. Sua sabedoria veio das estrelas — disse Miréli.

Bela agradeceu e ficou muito feliz. Se havia alguém que podia acalmá-la e lhe dar bons conselhos, era Lendi.

A viagem foi longa. Mais longa do que Bela poderia imaginar.

O sol ainda não havia se posto, e a caravana já estava deixando Hampshire, para penetrar em Wiltshire, segundo as indicações da estrada.

Ela não fez nenhum comentário. Quanto maior fosse a distância a que os ciganos a levariam, mais segura estaria.

Além disso, estava ciente de que aquele povo não gostava de perguntas. Não gostavam de falar sobre si, nem sobre seu destino, e muito menos sobre sua crença. Resultado, provavelmente, dos tempos de perseguição e insegurança.

Antes que a caravana parasse para a refeição e para o descanso da noite, Pirus quis verificar se Bela estava bem.

— Milady está mais calma?

— Sim, Pirus. Miréli está sendo muito boa comigo e Ellen me fez um grande favor.

Ellen era o nome da cigana que havia tingido o cabelo de Bela e que havia lhe provocado admiração, até lembrar-se que o fato da mulher usar um nome inglês não era incomum.

Em uma das inúmeras conversas que tivera com o tio, Bela havia aprendido que muitos dos ciganos estrangeiros, que haviam se estabelecido na Grã-Bretanha, preferiram adotar nomes ingleses, e os mais comuns possíveis.

Como sobrenomes, por exemplo, ouvia-se falar nas tribos Smith, Brown, Lee e Davis.

Por fim, começou a escurecer.

Ao verificar o local, Bela achou-o parecido com as terras do duque, com seu bosque magnífico e também com seus campos cultivados e pastos.

A caravana se instalou com uma tranquilidade que indicava não ser aquela a primeira vez que procuravam o local.

Bela cogitou se os ciganos deixavam marcas ou algum sinal qualquer, quando partiam de um lugar, como mensagens a outras tribos, e dessa vez sua curiosidade não foi reprimida.

Miréli não se recusou a lhe dar a informação. Chegou a rir, inclusive, de sua percepção.

Os sinais, segundo ela, eram muito importantes.

Uma pequena cruz significava que as pessoas daquela área não costumavam dar nada.

Duas linhas atravessadas sobre outra significava que os pedintes eram mal recebidos.

Um círculo vazio significava a existência de pessoas generosas, e um círculo com um ponto no centro, pessoas generosas e que gostavam dos ciganos.

Tão logo a caravana parou, os homens se puseram a desatrelar os cavalos e a alimentá-los. Bela foi até a carroça de Lendi.

— Seja bem-vinda entre nós, milady, e possa se sentir feliz e amparada.

— Eu estou, Lendi. Não tenho palavras para agradecer a bondade sua, de Pirus e de sua gente.

Bela se ajoelhou junto à cama da velha cigana, e beijou-a.

— Eu tive medo, e fugi. Você ficou zangada por eu ter feito isso?

Lendi fez um movimento negativo com a cabeça.

— Como poderia me zangar se confiou em nós?

— Eu confio plenamente. Acredito que foi minha mãe, ou então as estrelas que me disseram que estaria segura a seu lado.

Lendi sorriu ao ouvir aquelas palavras e seu sorriso se dirigiu, em seguida, para Miréli, que entrava na carroça, naquele momento.

— Estava pensando, vovó, se não haveria tempo para mais uma aula, enquanto estão preparando o jantar.

— Claro que sim. Precisamos estar prontas para a eventualidade de você ter de assumir meu lugar.

O que ela queria dizer era que a morte a levaria a qualquer momento.

Bela cerrou os olhos, orando para que isso não acontecesse tão cedo e se levantou, com a intenção de deixá-las a sós. Lendi, porém, a deteve.

— Fique, milady, e ouça. Será bom que aprenda algo.

— Eu ficarei com muito prazer, desde que Miréli não se importe.

— Gosto de tê-la entre nós. — Foi a resposta breve e sincera.

Bela permaneceu ajoelhada no chão e Miréli se sentou na beira da cama.

Lendi apanhou um baralho de Tarô, que estava guardado sob seu travesseiro, e pediu que Miréli lhe contasse o que cada carta representava.

A cada vez que a jovem não sabia alguma palavra em inglês, recorria ao idioma romeno, mas Bela pôde entender praticamente toda a lição, pois tinha boas noções desse idioma.

Terminada a leitura. Lendi pediu que Miréli lhe trouxesse sua bola de cristal, que estava guardada dentro de uma caixa.

Era grande e transparente e Bela não pôde evitar a pergunta:

— Você realmente consegue enxergar imagens dentro dela?

— Algumas vezes — replicou Lendi. — Mas em geral a bola serve como meio de concentração. O que acontece é que a pessoa, cujo futuro está sendo investigado, concentra-se, e nós lemos seus pensamentos.

Miréli e Bela estavam escutando, atentas, os ensinamentos quando foram chamadas para jantar.

Correram para a fogueira e para o grande caldeirão que exalava um aroma delicioso, ao redor do qual já se encontravam vários membros da tribo.

Todos a cumprimentaram. Os homens, em especial, a fitaram com admiração.

A refeição de coelho, galinha, batatas e frutas foi feita em silêncio, mas logo se seguiu um admirável recital de violino.

O violinista procurou tocar apenas músicas suaves para não incomodar aqueles que pudessem estar nas proximidades. No entanto. Bela pensou, não parecia haver habitações por perto, embora estivessem, sem dúvida, em uma propriedade particular.

Desejaria saber onde se encontravam, e quem lhes dera permissão para acampar naquele campo cercado de bosques por todos os lados, mas foi dormir sem ter coragem para perguntar.

— Melhor assim. No momento, o segredo é a melhor arma que tenho ao meu alcance. E amanhã, talvez Lendi possa me ajudar a resolver os problemas que ainda continuam a me atormentar.

Bastou ela e Miréli soprarem as velas, contudo, para o sono aliviá-la de todas as preocupações.

O dia seguinte amanheceu quente e o sol tomou os bosques ainda mais lindos do que haviam lhe parecido ao luar.

O que Bela mais desejava era poder cavalgar por eles, mas, como das outras vezes, teve receio de perguntar a Píramus se os ciganos tinham permissão de fazê-lo.

Não queria se arriscar a expor o amigo a uma situação constrangedora, caso ele

tivesse de lhe recusar o favor.

Dessa forma, assim que terminou de ajudar Miréli a limpar e a arrumar sua carroça, foi visitar Lendi.

As mulheres da tribo se revezavam em seus cuidados. Banhavam-na, penteavam seus cabelos, arrumavam sua cama e limpavam sua carroça. Até as crianças colaboravam, trazendo-lhe flores silvestres.

Naquela manhã. Lendi lhe pareceu melhor. Talvez glamorosa fosse a descrição correta.

Envolta em um xale ricamente bordado, colares e pulseiras exóticos, provavelmente originários da Índia, e com os cabelos muito bem penteados, ela estava parecendo a rainha dos ciganos.

— Você está deslumbrante! — Bela exclamou ao entrar.

— Estou esperando um visitante. — Lendi respondeu com um sorriso. — Sinto-o se aproximando.

Bela gostaria de saber de quem se tratava, mas não ousou perguntar. Sua curiosidade, entretanto, logo foi saciada.

— Suponho que esteja se referindo ao marquês, que foi tão bom para nós no ano passado — comentou Miréli.

Bela estava tentando imaginar se alguma vez já o teria encontrado, quando a voz forte de Piramus se fez ouvir do lado de fora.

— Vossa Senhoria está vindo em nossa direção, Lendi. Já consigo ver seu cavalo cruzando o bosque.

Dessa vez Bela não conseguiu deter as palavras.

— Qual é o nome do marquês que costuma visitá-la? Estas terras onde acampamos, por acaso não pertencem a ele?

— Marquês de Chorlton. Um homem muito bom para os ciganos. Nós costumamos ficar alguns dias em suas terras, todos os anos.

O nome lhe pareceu familiar, embora não conseguisse se lembrar de ter sido mencionado pelo tio alguma vez.

Costumavam falar, vez ou outra, sobre todos os proprietários de terras de Hampshire. Dorset. Berkshire. Surrey e Sussex. Mas, em Wiltshire, ele provavelmente não conhecia ninguém.

— Milorde chegou — anunciou Piramus, quando ela ainda tentava decifrar o enigma.

— Como ele está aqui para vê-la, peço sua licença para me retirar. — Bela fez menção de se levantar do chão.

— Não. Quero que fique onde está — Lendi retrucou.

— Mas Miréli deve sair. Não quero que o marquês a veja.

Bela estranhou a ordem. Mas como Lendi era a pessoa mais respeitada entre os ciganos, nem ela nem Miréli tentaram argumentar.

Foi possível ouvir a troca de cumprimentos efusivos. Em seguida, passos sobre a pequena escada.

O homem era tão alto que precisou inclinar a cabeça para entrar na carroça. Seus ombros eram largos e sua constituição atlética.

Olhando para seu rosto, Bela notou que era muito mais jovem e atraente do que esperara.

Por ser um marquês e dono de todas aquelas terras, imaginara-o como alguém de idade aproximada à de seu tio.

O homem que se encontrava a sua frente, porém, não deveria ter mais de vinte e cinco anos. E era muito gentil pois se encaminhou com suavidade até a cama e tomou a mão de Lendi entre as suas.

— Fiquei muito preocupado quando me disseram que estava doente. Estava com saudade e necessitado de sua ajuda.

— Estou pronta para ajudá-lo e muito feliz em vê-lo novamente.

— Eu também me sinto muito feliz em estar a seu lado. Tive receio de que fosse se esquecer de mim em suas viagens.

— Jamais o esqueceria, milorde — Lendi afirmou. — Agora me conte o que há de errado.

O marquês se sentou aos pés da cama e foi nesse momento que reparou em Bela pela primeira vez.

Olhou para ela. e em seguida para Lendi. como se questionasse sua presença.

Bela fez menção de se levantar mais uma vez. e também mais uma vez foi detida.

Então, sem dar importância a quem ela pudesse ser, o marquês explicou:

— Estou com um problema, Lendi. que só poderá ser solucionado por você.

— Pode dizer.

— Tenho uma sobrinha, filha de meu irmão mais velho, que faleceu há quatro anos, como você deve se lembrar.

— Sim eu me lembro. Foi aquele o primeiro ano que visitamos Vossa Senhoria.

— Alice era pouco mais do que uma criança na época, mas veio vê-la por duas vezes, se não me engano.

— Tem razão. Ela era uma linda garota. Eu li sua sorte.

— Pois é esse o grande favor que lhe peço. Que torne a ler sua sorte.

— Alguma razão importante?

— Sim muito importante, como você já deve ter adivinhado. Trata-se de um problema difícil que só você poderá solucionar.

— Diga-me.

— Alice herdou do padrinho, assim que nasceu, uma enorme fortuna. Ele era solteiro e muito devotado ao meu irmão. Quando morreu, vítima de um acidente, deixou todos os seus bens a Alice. Meu irmão não quis que ninguém soubesse. Mas quando também morreu, e sua esposa um ano depois, foi impossível continuar guardando o segredo.

Os olhos de Lendi e de Bela estavam fixos no marquês. Antes mesmo que ele terminasse de narrar a história. Bela já estava rezando para que Lendi pudesse ajudá-lo.

— Alice está agora com quase dezoito anos — o marquês prosseguiu — e foi apresentada à rainha, no castelo de Windsor há um mês. Era sem dúvida, a jovem mais linda do baile, mas, infelizmente, também a mais rica.

— Ela está se sentindo infeliz?

— Não. Por enquanto, sou eu quem está.

Bela desejaria perguntar o que havia acontecido, mas ele respondeu como se tivesse pressentido sua preocupação.

— Alice foi perseguida por toda a sorte de caçadores de fortuna. Embora eu a tivesse prevenido, foi impossível para ela mantê-los afastados.

— Esses homens são espertos e inescrupulosos — Lendi assentiu. — E milorde está preocupado com um deles, em particular.

— Sabia que entenderia. — O marquês suspirou. — Sim, um deles conseguiu conquistar Alice. Não a culpo. Ela é jovem e inexperiente, e ele é atraente e cortês.

— Vossa Senhoria acredita que a sobrinha queira desposá-lo?

— Certamente. E é por isso que lhe peço que converse com ela.

— Como poderei fazer isso? — Lendi quis saber.

— Alice está ansiosa para conhecer sua sorte. Eu pensei, então, em organizar uma festa, onde você, Lendi, leria a sorte de todos os presentes. Teria de ter muito cuidado, contudo, pois o homem em questão é muito esperto.

— Acha que ele desconfiaria do verdadeiro motivo que me levou a sua linda casa, milorde?

— Sim, caso você fosse lá especialmente para ver Alice. É por isso que estou pensando em dar uma festa e convidar uns dez amigos de minha sobrinha. Após o jantar, quem quisesse conhecer sua sorte, seria encaminhado a um local especial, onde você lhe contaria tudo o que o futuro lhe reservava. No caso de Alice, ela saberia que um casamento de interesse, em pouco tempo a faria se sentir desiludida e infeliz.

— Eu entendo, milorde, mas há um problema. Estou doente e não posso sair desta cama. Alice teria de vir a mim para saber que está em perigo.

— O que farei Lendi? — O marquês apoiou a cabeça sobre as mãos, desalentado. — Não consigo pensar em outra solução.

— Tenho uma ideia. — Lendi estalou os dedos. — Alguém tomará o meu lugar. Ela ouviu toda a nossa conversa.

— A cigana apontou para Bela, que quase engasgou. — Ela sabe que lady Alice precisa ser salva.

Bela pensou em se recusar, em dizer que não era uma cigana de verdade, e que não tinha poderes, mas ao fitar o marquês nos olhos, as palavras morreram em seus lábios.

Por alguma razão, além de seu entendimento, ela soube que precisava ajudá-lo.

Poderia ser difícil, e até impossível, mas era algo que tinha de fazer.

CAPÍTULO V

Ao se despedir da velha cigana, o marquês beijou-lhe a mão, num gesto de cortesia e cavalheirismo que causou admiração em Bela.

Ela esperou até que o homem saísse e seus passos se afastassem pelo acampamento para protestar:

— Como pôde dizer a ele que eu iria em seu lugar? Eu não sei ler a sorte. Miréli era quem deveria ir.

Lendi fez um movimento enérgico com a cabeça.

— Você conhece pessoas importantes Miréli ainda precisa aprender a lidar com elas. E muito diferente ler a sorte de um camponês do que a de um fidalgo.

Bela entendeu o ponto de vista da cigana, mas isso não diminuiu o medo que sentia.

— Como poderei ler a sorte de alguém, se não conheço o significado das cartas?

— Leia seus pensamentos — Lendi respondeu, a voz muito baixa.

Bela se calou por um instante. Realmente já conseguira adivinhar o que se passava pela mente de muitas pessoas. Mas todas eram suas conhecidas. Agora teria de lidar com estranhos.

Lendi com seus poderes, esclareceu prontamente sua dúvida.

— Todos os jovens desejam encontrar o amor. Faça com que se concentrem na bola de cristal e descobrirá facilmente o que estão pensando.

— Farei o melhor que puder — Bela prometeu. Embora sua vontade fosse se recusar, sabia que Lendi estava contando com sua colaboração.

Além disso, seria a maior das ingratidões negar um favor a quem devia sua salvação.

Os ciganos a haviam acolhido de braços abertos, sem uma palavra de recriminação ou protesto.

Como poderia recusar o único pedido que lhe fizeram?

— Por favor, dê-me ao menos algumas orientações.

— Eu a ensinarei tudo o que puder — Lendi prometeu.

— Não se preocupe. Você tem a lua. Ela lhe será de maior valia do que eu.

Por mais que Bela tentasse acreditar, seu coração chegava a bater mais depressa no peito, tanto o medo que sentia do que teria de enfrentar no prazo de dois dias.

O que ajudou-a a relaxar foi a notícia maravilhosa que Pirusus lhe deu ao sair da carroça de Lendi.

— O marquês disse, antes de ir embora, que milady poderia cavalgar pelos bosques, se quisesse.

— Ele disse isso? — repetiu Bela, perplexa. — Mas por quê?

— Ele viu Apoio. Por ser tão diferente de nossos cavalos, perguntou-me onde eu o conseguira. Tive de lhe contar que Apoio era seu. Agora, aproveite. O bosque e os campos a esperam.

— Mal posso acreditar. De qualquer forma, vou seguir seu conselho antes que Vossa Senhoria mude de ideia.

— Milorde é um homem de palavra. Não voltará atrás em seu oferecimento.

A perspectiva pareceu tão excitante a Bela que ela nem quis perder tempo em trocar de roupa.

Pirusus foi buscar seus apetrechos de montaria e encilhou o cavalo.

Em seguida ela se dirigiu ao bosque, ao lado direito do acampamento, que era tão lindo quanto o do duque.

Viu muitos coelhos e esquilos procurando refúgio em suas tocas, e também um lago em cuja beira se deteve por um longo tempo.

O lugar era completamente oculto pelas árvores, o que lhe emprestava um aspecto misterioso e fascinante.

A paz que sentiu a fez imaginar que era uma ninfa, nadando com suas companheiras no fundo do lago. Não saberia dizer se ali ficara por minutos ou horas quando se decidiu a voltar para o acampamento.

Estava seguindo por outra trilha, a fim de conhecer mais um pouco daquela magnífica propriedade, quando teve a oportunidade de ver a casa do marquês.

Era uma construção imponente, não muito distante, e se erguia sobre uma pequena colina. Apesar de grande, não se comparava a do duque em tamanho, mas excedia em beleza.

Deveria ter sido projetada pelos irmãos Adam por volta do ano de 1750 e exibia o escudo da família em sua parte mais elevada.

A divisão entre a casa e o bosque era feita por uma extensa faixa de água, que muito se parecia com um lago artificial.

O chafariz ao centro dava a impressão de uma mina de diamantes tal o seu brilho.

— Eu adoraria vê-lo de perto — Bela falou consigo mesma. — Talvez consiga realizar meu desejo daqui a dois dias quando vier ler a sorte de Alice e seus amigos, durante a festa.

Além do chafariz, ela também adoraria ver a casa por dentro com seus tesouros de arte.

Com esse pensamento, retomou ao grupo e entregou Apoio a um dos ciganos. Logo depois, procurou Lendi.

— Milady fez um bom passeio?

— Maravilhoso — Bela respondeu.

— O marquês mandou uma mensagem durante sua ausência. A data da festa foi confirmada para depois de amanhã.

— Vossa Senhoria deve estar realmente preocupado — Bela comentou.

— Com toda a razão — apoiou Lendi.

Mais uma vez. Bela teve a certeza de já haver ouvido o nome do marquês anteriormente, embora não conseguisse se lembrar onde.

Naquela noite, após o jantar, os ciganos permaneceram ao redor da fogueira para ouvir outro companheiro que também tocava violino.

O céu estava repleto de estrelas e o luar muito brilhante. Os ciganos com seus trajes coloridos, a música romântica, nada poderia enfeitar mais uma criatura. Bela pensou.

O cenário era tão lindo que ela teve medo que estivesse vivendo um sonho, do qual logo acordaria.

No dia seguinte, porém, quando acordou, continuava a fazer parte daquele lugar, entre os amigos ciganos.

Seu primeiro impulso foi vestir um traje de montaria e selar Apoio para um longo passeio.

Como estava calor mas não havia sol. vestiu sua blusa de musselina com rendas e não colocou chapéu.

O desjejum foi preparado com ovos frescos e frutas, que haviam sido enviados com os cumprimentos do marquês.

— Vossa Senhoria é muito bondoso com vocês — Bela comentou com Piramus.

— Assim como seu tio. Nós somos muito gratos. Sempre que partimos. Lendi abençoa aqueles que nos tratam bem para que encontrem a merecida felicidade.

Oxalá fosse verdade o que Piramus dizia, pois ela jamais seria feliz se tivesse de se casar com Jason.

Seu medo desse terrível destino era tão grande que não tinha coragem sequer de falar com Lendi a respeito. Se ela consultasse o seu futuro, e confirmasse esse casamento com um homem a quem detestava, não suportaria.

— Não voltarei por enquanto — Bela decidiu pela milésima vez. — Preciso de tempo para pensar.

Até o momento, porém, ela não havia encontrado uma saída.

Partiu a galope.

Nenhum dos ciganos se ofereceu para acompanhá-la, cientes de que precisava ficar sozinha.

Estivesse hospedada entre amigos dela e de seu tio. teria sido alvo de uma série de indagações, e até de uma curiosidade mórbida.

Com os ciganos, no entanto, ela era compreendida e seus temores respeitados.

Talvez não fosse apenas Lendi quem detinha o poder da intuição e da telepatia, mas todos os membros da tribo.

Recusando-se a continuar pensando em Jason e no que lhe aconteceria. Bela se dirigiu ao lago com suas ninfas e ao bosque com seus gnomos encantados.

Os ciganos acreditavam em fadas. Algumas delas, segundo as lendas, assumiam formas humanas embora permanecessem imortais.

Distraída, conduziu Apoio pelos caminhos cobertos de musgos, desmontando quando chegou à margem.

As águas pareciam ocultar um tesouro.

Admirou-as por entre as flores que se espalhavam aos seus pés e estava dando um passo para explorar o lugar, como Apoio fazia, quando ouviu um som inesperado às suas costas.

Dois segundos depois, o marquês surgiu, a cavalo, de trás de umas árvores. Desmontou, assim como ela e soltou seu cavalo para que se reunisse a Apoio.

— Parece que adivinhei que a encontraria aqui.

— Posso saber por quê? — Bela indagou, surpresa.

— Porque sinto como se pertencesse a este lugar, e quisesse ver tanto quanto eu as ninfas no fundo do lago.

— Vossa Senhoria deve estar lendo meus pensamentos— Bela declarou ainda mais surpresa.

O marquês sorriu.

— Esse poder é só seu. Mas eu a vi tão entretida junto ao lago que por um momento, cheguei a pensar que fosse uma das ninfas.

— Quase acertou. Se eu pudesse, seria uma ninfa que gostaria de ser para que pudesse viver em um lugar tão maravilhoso como este.

— Mas se fosse uma ninfa, o que aconteceria com todos os seus admiradores? Partiria muitos corações!

Bela riu da galanteria.

— Como eles não existem, não preciso me preocupar.

— Espera realmente que eu acredite nisso?

— Acontece que é verdade. — Ela deu de ombros. — Não preciso de acompanhantes. Apoio me basta, quando sinto vontade de passear.

— Presumo que Apoio seja o acompanhante, neste momento de minha Juno.

— Juno é o nome de sua égua?

— Sim e como a senhorita, eu prefiro tê-la a meu lado a qualquer outra mulher que conheço.

— Não espera que eu acredite nessa história, não é? — Bela o provocou, repetindo as mesmas palavras que ele usara.

— Por que não?

Bela se afastou da margem e das flores, e se dirigiu a um tronco de árvore caído, onde se sentou, sem refletir.

O marquês sentou-se a seu lado.

— Sempre tive muito cuidado em não pedir que Lendi lesse minha sorte. Caso ela me dissesse que havia uma noiva em meu destino, eu pensaria que estava se aliando à minha família, que tanto pressiona para que eu me case.

— Com uma propriedade magnífica como a sua, a qual já tive a chance de observar, posso compreender que queiram que se case e constitua família.

Aquela era a mesma ambição que o duque tinha com relação a Jason.

Embora ele já tivesse se casado uma vez com consequências desastrosas, a viuvez lhe proporcionara uma segunda chance de se estabelecer.

Só em pensar em Jason, Bela sentiu um arrepio de repulsa e medo.

— O que a está assustando? — o marquês indagou.

— Como sabe que estou assustada?

— Não sei. Mas sinto que estou certo e que embora devesse ser feliz e despreocupada, algo a perturba terrivelmente.

— E verdade — Bela admitiu, baixinho —. mas não quero falar sobre esse assunto.

Era extraordinário que um estranho pudesse ser tão perspicaz e sensível ao ponto de pressentir que ela estava sofrendo. Também era muito atraente. Não era de se admirar que seus parentes quisessem casá-lo o mais rápido possível. Temiam deixá-lo à mercê de mulheres ambiciosas, que pudessem vir a se instalar e querer mandar naquela propriedade.

— Acertou — o marquês afirmou, tornando a ler seus pensamentos — mas eu quero viver minha vida de meu próprio modo. A senhorita como cigana, que não segue as

convenções, poderá entender meu ponto de vista como ninguém mais.

— Claro que entendo — Bela concordou. — Nunca deverá se casar com ninguém, a menos que seu próprio coração lhe diga que o faça.

— Será exatamente o que farei. Já deixei bem claro a todos que insistem em discutir sobre meu futuro, que não serão bem-vindos uma segunda vez em minha casa.

— Não lhes deixará alternativa exceto falarem às suas costas.

— Sim, sem dúvida, farão isso — o marquês replicou.

— E as mulheres continuarão a desfilar a minha frente como cavalos em uma exposição.

Apesar da expressão e das palavras zangadas do marquês. Bela riu.

— Posso até ver as debutantes ambiciosas disputando sua atenção como se fosse um prêmio irresistível.

Bela se arrependeu imediatamente de suas palavras. O que acabara de dizer não teria sido dito por uma cigana autêntica. Tentou mudar o tema da conversa antes que o marquês pudesse comentar alguma coisa.

— Desculpe se estou prendendo-o. Imagino que tenha algum compromisso.

— Meu único compromisso é com os bosques e tenho muito prazer em dividi-los com alguém como a senhorita.

— Sou-lhe extremamente grata, milorde. Como já deve ter percebido, a natureza significa muito para mim. Sempre recorro a ela. Tanto nos momentos felizes quanto nas ocasiões em que preciso enfrentar meus problemas.

— E no momento está bastante preocupada devido a um sério problema.

Seria inútil mentir.

— Sim estou, mas não quero pensar a respeito.

— Talvez prefira ficar sozinha com suas fadas e gnomos. Ou vir comigo e conhecer meus estábulos, a fim de se distrair.

Os olhos de Bela se iluminaram.

— É um convite?

— Se lhe interessar...

— Claro que interessa. Adoro cavalos.

— Foi o que pensei quando vi Apoio.

— Só posso garantir milorde que ficarei honrada em ver seus estábulos.

O marquês se levantou e, juntos, foram buscar os cavalos sob as árvores.

A um assobio de Bela. Apoio se aproximou.

Sem dizer nada, o marquês a ergueu nos braços e a colocou sobre a sela.

Era muito forte e seu toque, provocou um arrepio em Bela, mas um arrepio diferente e agradável, que ela nunca havia sentido antes.

Foi a vez do marquês montar em Juno.

Seguiram lado a lado pela trilha. Ao chegarem a campo aberto, porém, dispararam em um excitante galope.

Bela, inexplicavelmente, sentiu uma vontade enorme de competir, apesar de Juno ser mais leve e certamente mais rápida do que Apoio.

Ela havia notado, também, que o marquês cavalgava muito bem. Melhor, aliás, do que qualquer outro homem que já conhecera.

Quando os cavalos pararam a um sinal do marquês, ela sorriu, o rosto afogueado.

— Juno é uma égua e tanto!

— Apoio também é um magnífico cavalo. E nenhuma outra pessoa, gostaria de dizer, o montaria com mais graça e destreza.

— Obrigada — respondeu Bela. — Este é o tipo de elogio que Apoio gosta de receber.

— E sua dona? — indagou o marquês.

— Ela também agradece os cumprimentos de Vossa Senhoria.

O marquês a fitou de um modo estranho. O brilho de seus olhos lhe dizia que estava se divertindo a seu lado.

Preciso ter cuidado. Bela pensou. Ele não pode desconfiar que eu não fosse uma das ciganas da tribo de Pirus.

Um súbito pânico a invadiu.

E se o marquês descobrisse quem era. e espalhasse a notícia? E se o duque viesse a saber de seu paradeiro?

A possibilidade lhe parecia remota, mas assim mesmo inquietante.

Como o galope os havia conduzido além dos limites da casa, o marquês fez com que voltasse em sua direção.

Conforme se aproximavam. Bela pôde ver que havia um lindo jardim em frente a casa, e também um extenso gramado que chegava até o lago.

— Choro Court como é chamada esta propriedade, pertence à minha família desde o reinado de Henrique VIII — explicou o marquês. — A casa original foi destruída por um incêndio no reinado de George III e logo depois reconstruída pelos irmãos Adam.

— Foi o que imaginei — Bela declarou. — Eles foram arquitetos tão notáveis que sua obra é reconhecível, mesmo a distância.

Mais uma vez ela percebeu que havia sido indiscreta, e que seu comportamento e maneira de falar estavam longe de se parecerem com os de uma cigana.

O marquês, contudo, não fez qualquer comentário, limitando-se a levá-la para a parte de trás da casa, onde se situavam os estábulos.

Bastou um olhar para que Bela constatasse que o local era tão bem cuidado quanto o do duque.

O mesmo poderia ser dito sobre os cavalos. Embora não fossem muitos, rivalizavam com os que Bela se acostumara a cavalgar.

Detiveram-se diante de cada baia e o marquês lhe explicou a razão de ter comprado cada um dos cavalos.

Pelo modo e pelo tom de voz que ele usou. Bela adivinhou o quanto os cavalos lhe significavam, e admirou-o por isso.

O marquês não era como Jason que só pensava em desperdiçar tempo e dinheiro com mulheres fáceis, como as que conhecera em Paris.

Ao alcançarem a última baia. onde Juno era guardada, o marquês sorriu.

— Entende agora por que meus parentes dizem que eu pareço estar casado com Juno? O que eles não sabem é que também prefiro meus ganhões aos cavalheiros que costumam frequentar o White's Club.

— Está certo, absolutamente certo. — Ela riu. — Só espero que seja esperto o bastante para resistir às tentações e armadilhas que eles lhe armarão de tempos em tempos.

— Todos os dias melhor dizendo. Mas até agora eu consegui escapar.

— E o que deve continuar fazendo.

— Trata-se de sua opinião ou de uma profecia? — o marquês perguntou.

— Ambas as coisas. O único problema será quando lhe cobrarem um herdeiro e Vossa Senhoria tiver de apresentar um de quatro pernas.

— Um grande problema, certamente, a menos que eu, como o imperador Calígula, me case com Juno.

Os dois riram muito.

Só mais tarde. Bela refletiu que uma cigana também não deveria ter demonstrado saber quem fora Calígula.

— Mil vezes obrigada por ter permitido que eu cavalgasse em sua propriedade e por ter me mostrado todos os seus cavalos. — Bela agradeceu ao saírem dos estábulos.

— Creio que deva retomar, agora, ao acampamento.

— Eu a verei amanhã a noite. — O marquês se despediu. — Mande preparar um lugar especial, ao lado da sala de estar, para a senhorita. Ficará em penumbra para que sua figura se tome ainda mais misteriosa. Será impossível que os jovens não a ouçam com atenção.

— Sei que sua sobrinha se chama Alice. E quanto ao nome do homem que Vossa Senhoria chama de caça-dotes?

— O nome dele é Cyril Andover.

— Por acaso estará na festa algum outro homem de seu agrado, que poderia vir a se tomar esposo de Alice?

O marquês refletiu por alguns momentos.

— Creio que sim. O visconde Huntington é um jovem simpático e honrado. Acho que ele a pediria em casamento, caso fosse encorajado. É herdeiro de um condado e imensamente rico. Se se interessasse por minha sobrinha, não seria por seu dinheiro.

— Eu lhe prometo que farei o possível para impedi-la de se entregar a um casamento desastroso. Agora, preciso voltar — apressou-se a dizer.

Quase correu para Apoio, cujas rédeas estavam sendo mantidas por um dos cavaleiros. Queria montar sozinha, mas o marquês foi mais rápido.

— Obrigada mais uma vez, milorde pela manhã fascinante. Diverti-me muito.

— Eu também — respondeu o marquês. — Até amanhã, Bela. Confio em sua ajuda, amanhã.

Era a primeira vez que o marquês a chamava pelo nome, e Bela sentiu que enrubescia. Sorriu-lhe timidamente e partiu. Mesmo sem olhar para trás, sentiu que ele a observou até que desaparecesse de vista.

Dominou a mesma sensação de fuga. Por que deveria fugir do simpático e gentil marquês, porém, ela não conseguiu entender.

A sensação era estranha. Parecia avisá-la de que estava pisando em terreno perigoso.

— Ele é esperto. Posso entender perfeitamente por que não deseja se casar.

Mais uma vez a ideia a fez se lembrar de Jason. Qualquer mulher que se casasse com ele seria infeliz.

— Não posso me casar com ele! Não quero!

O medo que sentia era tão atroz que seu coração chegava a doer.

O convívio com os ciganos a fez esquecer momentaneamente o desespero.

— Tive uma manhã deliciosa — contou a Píramus. — O marquês me levou até seus estábulos e me mostrou todos os cavalos.

— Eu também já vi seus lindos cavalos, mas todos pelo campo. Vossa Senhoria nunca me convidou para me aproximar de sua casa.

Bela ficou constrangida com o comentário e se apressou a mudar o tema da conversa.

— Sabe se Lendi está acordada? Posso vê-la?

— Ela está a sua espera.

Píramus conduziu Apoio para junto dos outros cavalos, como sempre fazia, e Bela correu para junto da velha cigana.

— Ouvi quando saiu. Ainda era muito cedo — comentou a mulher.

— Fui cavalgar assim que Píramus me disse que o marquês dera seu consentimento. Eu o encontrei no bosque e conversamos. Depois ele me convidou para ver seus estábulos.

— Foi o que pensei.

Bela se sentou no chão.

— Foi estranho. Eu consigo ler seus pensamentos. Isso já havia acontecido outras

vezes, mas nunca com tanta clareza.

— Vossa Senhoria é um homem inteligente.

— Eu sei. Ele me contou que não quer se casar. Eu o entendo. Pareceu-me feliz com a vida que leva.

— Ele ainda busca sua estrela, como você — Lendi murmurou.

— Talvez nunca a encontremos.

— Você a encontrará.

Bela pensou que a cigana estava enganada. Como poderia encontrar sua estrela, se Jason a esperava? No prazo de mais dois ou três dias ela teria de voltar para casa e enfrentar seu problema.

Os gitanos não poderiam escondê-la para sempre.

Lendi no entanto, com os olhos fixos sobre ela, repetiu:

— Confie em sua estrela! Obedeça seu coração!

— Como posso obedecê-lo se ele não sabe em que direção deve seguir? — Bela respondeu, ansiosa.

Lendi sorriu.

— Confie na lua. Se ela perceber que você não tem fé tudo dará errado.

Bela desejaria ter a convicção de Lendi, mas por mais que tentasse, só conseguia perceber o passar dos dias, e a aproximação do final da semana, quando teria de retomar para casa.

O silêncio se prolongou tanto que quando deu por si, Lendi havia adormecido.

Saiu da carroça e procurou Miréli mas não a encontrou. Deveria estar junto das outras mulheres, preparando o almoço.

Naquela noite, pediria que um dos violinistas tocasse uma música e que Miréli dançasse ao redor do fogo. Adoraria participar de uma festa cigana, e aquela, talvez, fosse sua última oportunidade, já que na noite seguinte estaria na casa do marquês.

A ideia a apavorava. Seria difícil não cometer um erro e ainda mais difícil não falhar com o marquês.

Ela compreendia e aprovava sua intenção de afastar a sobrinha de um caça-dotes. Por outro lado, não tinha nada a ver com o problema. O seu afinal, era muito pior.

Sabia que estava sendo egoísta, mas lhe parecia impossível realizar a tarefa imposta por Lendi.

O almoço foi servido. Em seguida, as mulheres se afastaram rumo ao vilarejo, com os cestos de vime lotados de cabides e outras miudezas que pretendiam vender.

Bela se viu sozinha.

Seguindo seu instinto, montou em Apoio e se dirigiu mais uma vez para o lago da floresta.

Logo que chegou, viu o marquês se aproximando por outro caminho.

— Tinha certeza que a encontraria aqui e vim lhe fazer outro convite.

— Qual?

— Minha sobrinha e seus amigos saíram e só voltarão no final da tarde. Pensei em levá-la para conhecer minha casa.

— Será um grande prazer conhecê-la.

— Tenho uma coleção de quadros de cavalos, que foi iniciada por meu pai.

— Adoraria vê-la. Aposto que foram pintados por Stubbs, Herring. Femeley e Pollard.

— Não imaginei que já tivesse visto algum. É uma cigana muito instruída.

— Talvez porque viajo muito — Bela tentou corrigir o erro.

— Mesmo assim é muito culta para alguém de sua idade — observou o marquês.

Dessa vez ela não soube o que dizer e ele prosseguiu:

— Pode parecer uma cigana, mas não fala como uma.

— Tive a sorte de ser criada por alguém que tinha intenções de me adotar — Bela mentiu.

— Uma explicação convincente e um fato que a torna, certamente, a mais respeitada em sua tribo. Mais até do que a própria Lendi.

— Lendi e todos os ciganos preferem falar em sua própria língua. E por isso que não possuem a mesma fluência que nós, quando falam o inglês.

— Então você é uma exceção à regra. Jamais ouvi dizer que um cigano pudesse ser tão instruído e que falasse o inglês com tanta perfeição.

— Os ciganos se originam do oriente, como Vossa Senhoria deve estar ciente, e da Índia e do Egito, em especial. Acreditam no carma, ou na reencarnação se prefere que usemos o termo inglês.

— Você tem ideia do que foi em sua última vida? — o marquês indagou.

— O que quer que tenha sido não me fez evoluir tanto quanto devia, e por isso voltei como uma simples cigana.

— Não como uma simples cigana, mas sim extraordinária. Eu a considero uma pessoa muito interessante.

— Se insistir em me colocar sob a lente de um microscópio, irei embora e não o ajudarei amanhã à noite. Não é meu desejo ser alvo de sua curiosidade.

— Está me pedindo o impossível — o marquês protestou. — Você despertou meu interesse desde a primeira vez em que a vi, sentada no chão, na carroça de Lendi. É intrigante encontrar alguém diferente e você é completamente diferente de todas as pessoas que já conheci, inclusive ciganas.

— Minha sugestão, milorde é que mudemos de assunto, caso queira que eu continue a lhe fazer companhia.

— Como quiser. Não é minha intenção lhe causar embaraço. Mas estou sendo sincero quando digo que a considero tão misteriosa quanto às ninfas do lago ou o fantasma que vem assombrando meus ancestrais há trezentos anos.

— Então tente se satisfazer com essa explicação. Faça de conta que sou um fantasma vindo do passado, não para assombrá-lo, mas para ajudá-lo em suas dificuldades.

CAPÍTULO VI

Na manhã seguinte. Bela despertou entusiasmada com a ideia de cavalgar novamente, e estava se vestindo quando chegou um recado de Chore Court que a deixou um pouco desapontada.

O marquês avisava que ninguém deveria cavalgar pelos bosques naquele dia.

A ordem intrigou-a de início, mas depois a reconheceu como sensata, pois seria um erro ela ou qualquer outro cigano serem vistos antes da festa.

Como ele dissera, a sobrinha poderia não suspeitar de nada, mas o caça-dotes era um homem muito esperto.

Apesar do dia estar adorável, portanto, nem ela nem Apolo poderiam deixar o acampamento.

O melhor seria aproveitar o tempo e pedir a Lendi que lhe desse mais uma aula.

A cigana mandou que apanhasse a bola de cristal e juntas, comentaram sobre vários tipos de pensamentos e sonhos em que os jovens poderiam se concentrar.

— Não tenha pressa — Lendi avisou-a. — Espere. As estrelas lhe darão a resposta.

— Espero que você esteja certa e que elas ouçam minhas preces, quando lhes peço que não se esqueçam de mim.

— Isso não acontecerá — Lendi declarou com firmeza.

O cavaliço que trouxera a mensagem sobre a impossibilidade de Bela cavalgar pelos bosques naquele dia, também informou Píramus que o marquês enviaria uma carruagem para buscar a cigana, às oito horas.

Bela estranhou, pois sabia que o jantar seria iniciado àquela hora. Mas talvez, o marquês tivesse planejado que chegasse mais cedo, a fim de se acomodar e se adaptar à sala que havia preparado especialmente para ela.

Era muito importante, também, que sua chegada não fosse observada por ninguém.

Sua presença deveria causar impacto a todos aqueles que desejassem saber o que o futuro lhes reservava.

Lendi quis que se aprontasse cedo.

Bela se banhou no alojamento que dividia com Miréli, e, em seguida, se dirigiu à carroça de Lendi.

As primeiras instruções da velha cigana foram para que Miréli e Ellen a maquiassem.

As mulheres aplicaram pó em seu rosto, rouge no alto das faces e um toque de batom vermelho em seus lábios. Também acentuaram seus olhos com uma espécie de carvão macio, tomando-os maiores e expressivos, e ainda escureceram seus cílios e sobrancelhas.

Quando se olhou no espelho, Bela não se reconheceu. Nunca havia se maquiado. Não se parecia mais com uma jovem de apenas dezoito anos.

A roupa que deveria usar, e que ela soube ser a melhor de Lendi, era confeccionada em seda dourada.

A cada movimento, a cada incidência de luz, o tecido brilhava como ouro.

Sobre a cabeça, caindo até os pés, ela usaria um véu, também dourado, que se prendia aos cabelos por meio de uma tiara com um estranho emblema no centro.

A tiara havia pertencido, segundo as ciganas, a uma famosa cartomante indiana.

Bela sabia que as joias provenientes da Índia eram famosas por sua originalidade e beleza, e agora, todas as joias pertencentes à Lendi estavam à sua disposição.

Havia um colar feito de pequenas pedras preciosas, com brincos, pulseiras e anéis do mesmo estilo. Cada peça mais encantadora do que a última.

Lendi lhe contou que as joias ciganas passavam de geração para geração e que aquelas peças, em particular, haviam sido trazidas da Índia para a Europa por sua tataravó.

Quando terminou de se vestir e de se enfeitar, Bela se sentiu uma debutante a caminho de seu primeiro baile. Ou ainda mais. Sentiu-se uma princesa de um conto de fadas.

Estava vivendo uma aventura.

O simples fato de se mirar em um espelho e encontrar uma imagem tão diferente da sua era algo muito excitante.

Seria impossível que alguém a reconhecesse. Até mesmo seu tio.

A carruagem chegou na hora marcada.

Era fechada, e puxada por dois cavalos. Todos os ciganos se reuniram para vê-la partir e acenaram até que desapareceu de vista.

— Boa sorte — Píramus lhe desejou conforme a ajudava a subir no veículo. — Que as estrelas a guiem.

Esperando que os votos de Piramus, de Lendi e de suas amigas ciganas se concretizassem. Bela tentou imaginar o que aconteceria quando entrasse na casa do marquês.

Estava ansiosa por conhecer seu interior, mas ao mesmo tempo sentia-se nervosa com a grandiosidade da missão que a aguardava.

Seria terrível decepcionar o marquês. Não poderia cometer nenhum erro.

Estava subindo a colina em cujo topo se erguia Chore Court quando começou a rezar. Não à lua ou às estrelas, como fariam os ciganos, mas a seu próprio Deus e aos santos de sua devoção.

A frente da casa estava iluminada por enormes tochas, que haviam sido colocadas uma em cada lado da porta. Um longo tapete vermelho se estendia por toda a escadaria.

Dois criados montavam guarda no hall para recepcioná-la.

Os demais, juntamente com o mordomo, deveriam se encontrar na sala de jantar, servindo os convidados.

Em seus pensamentos, julgara que o marquês teria dado ordens para que ela entrasse na casa pela porta dos fundos, para não correr o risco de ser vista antes da hora. No entanto, não parecia haver ninguém por perto, e ela foi conduzida através de um longo e amplo corredor.

Como não a apressassem, Bela caminhou lentamente a fim de examinar todos os quadros que cobriam as altas paredes e os móveis e adornos que se espalhavam por toda a parte.

O criado, que seguia a sua frente, abriu, por fim, uma porta que dava para a sala de estar, iluminada por três lustres de cristal.

Os móveis eram entalhados e emoldurados em dourado, sugerindo, mais uma vez, o toque dos irmãos Adam.

Uma profusão de flores alegrava e perfumava o ambiente.

Aquela, na verdade, era a sala mais linda que já vira.

O criado, após alguns instantes, atravessou a sala e abriu outra porta que servia de comunicação, certamente, com a câmara sobre a qual o marquês havia lhe falado.

Ao pisar no recinto, Bela notou que a descrição que o marquês lhe fizera não chegava perto da realidade.

Ele mandara erguer uma tenda dentro da antessala em um tecido fino azul-noite, salpicado de estrelas douradas, e em seu interior, mandara instalar uma espécie de trono. Diante dele havia uma pequena mesa coberta por uma toalha ricamente bordada em fios de seda e enfeitada por gemas que brilhavam à luz das velas.

Arranjos de flores haviam sido colocados em cada lado do lugar onde ela deveria se sentar.

— Madame está satisfeita? — indagou o criado. — Gostaria de mais alguma coisa?

— Tenho certeza de que não precisarei de mais nada. Obrigada — respondeu Bela.

O criado a deixou sozinha.

Bela olhou ao redor e não pôde evitar a perplexidade.

O marquês pensara em tudo. Seria impossível que uma jovem ou mesmo um homem não ficasse impressionado em um ambiente como aquele.

A cena que presenciariam em poucos instantes, ficaria gravada em suas mentes para sempre.

Afinal estavam prestes a serem consultados por uma cigana, que mais se parecia com uma princesa oriental.

Bela arrumou a bola de cristal, que Lendi lhe emprestara, sobre a mesinha e sentou-se para verificar o efeito que lhe produzia.

Conforme as chamas das velas se refletiam em sua superfície era possível se distinguir figuras em movimento.

Bela sorriu consigo mesma, dizendo-se que estava imaginando coisas.

Tocou a bola de cristal, então, e sentiu-a vibrar sob suas mãos.

Fechou os olhos e tentou se lembrar de todos os ensinamentos de Lendi.

Poucos minutos depois ouviu vozes na sala de estar.

O nervosismo aumentou. O jantar deveria ter começado antes do que ela esperava.

E se as pessoas não se identificassem e ela não conseguisse adivinhar quem eram?

Chegara o momento de provar sua capacidade e sua inteligência.

Com o coração pulsando rápido, preparou-se para a primeira consulta.

Foi então que um imenso alívio quase a fez suspirar.

Preocupara-se a toa, pois o marquês, quando entrou na tenda, se fez acompanhar de todos os convidados, que foram apresentados por seus respectivos nomes.

Quanto às consultas, foram feitas individualmente, como não poderia deixar de ser.

As duas primeiras jovens eram sofisticadas e elegantes, levando Bela a deduzir que procediam de Londres. Não foi difícil adivinhar o que ambas desejavam.

Ao saírem, as garotas se despediram e lhe agradeceram por ser tão “maravilhosa”.

— Ela é incrível! — Bela ouviu uma das jovens exclamar ao voltar para a sala de estar.

O marquês lhe trouxe, a seguir, outra garota, que ela adivinhou morar no campo.

Depois foi a vez de um rapaz, que praticamente deu a entender a Bela que o que mais desejava no mundo era que um de seus cavalos ganhasse certa corrida, que aconteceria no final daquela semana.

Bela garantiu que o cavalo não teria dificuldade em ultrapassar a marca em primeiro lugar e o rapaz saiu da tenda com um sorriso nos lábios.

Oito pessoas já haviam sido trazidas à sua presença até chegar a vez de Alice.

O marquês foi esperto o bastante para não apresentá-la como sua sobrinha. Chegou, inclusive, a recomendar que não demorasse muito, pois ainda faltavam vários convidados para serem atendidos.

— Sinto muito, tio Kevin, mas eu quero prestar atenção a cada palavra que madame disser. Os outros, infelizmente, terão de esperar.

O marquês sorriu, satisfeito em conseguir seu objetivo.

Assim que ele as deixou a sós, Bela instruiu Alice para segurar a bola de cristal.

— Pense naquilo que gostaria de saber e as estrelas, que a observam, indicarão a resposta certa.

Alice era uma jovem muito bonita. Sua beleza, aliás, a faria um sucesso, mesmo que não fosse rica.

Pensando no marquês, Bela disse à jovem que ela se encontrava em perigo.

— Há um homem por perto, cuja voz é doce como o mel, mas cuja intenção é amarga. Ele a persegue assim como um caçador persegue sua presa. Seu coração não está presente em seus gestos. Ele lhe trará lágrimas em vez de felicidade, caso o ouça. Mas ainda há outro homem perto de você. Este é favorecido pela lua e é forte, honesto e corajoso. Ao mesmo tempo é simples e um tanto tímido. Não se faz anunciar pela própria trombeta. Deveria encorajá-lo, pois ele é capaz de lhe oferecer tudo o que o primeiro homem não pode.

— O quê? — Alice quis saber, os olhos muito abertos.

— Seu coração e seu amor. Tudo o que uma mulher espera receber de um homem a quem sonha por marido.

— Mas ele não me pediu!

— É tímido e tem medo de sofrer. Até mesmo o mais forte e o mais poderoso dos homens teme ser humilhado por uma mulher.

Bela fez uma pausa para aumentar o efeito de suas próximas palavras.

— Estenda-lhe sua mão e ofereça-lhe seu coração. Ele é o homem que a fará feliz.

O outro, que sabe falar bonito, mas que é falso, só lhe trará lágrimas e desapontamento. Vejo-a claramente em uma encruzilhada. Tenha cuidado, muito cuidado, para não seguir na direção errada.

Alice saiu e duas outras garotas foram introduzidas na tenda.

Finalmente chegou a vez do visconde.

Bela contou-lhe que um coração indeciso nunca conquista uma mulher, e que se ele não lutasse por seu amor, acabaria perdendo a mulher de seus sonhos.

— Tenho medo de assustá-la — confessou o visconde.

— As mulheres não tem medo do verdadeiro amor — Bela garantiu. — Abra seu coração, diga-lhe o quanto ela é importante para você e não se arrependerá.

O visconde não cabia em si de alegria. Quando saiu, chegou a lhe fazer uma reverência.

— Deu-me esperança e coragem. Obrigado, madame sou-lhe muito grato.

Não foi motivo de surpresa para Bela que o caça-dotes fosse o último a procurá-la.

Para consultá-lo, nem foi preciso recorrer à bola de cristal. As vibrações negativas que dele emanavam a atingiram de imediato. Podiam ser comparadas as de Jason.

Disse-lhe que faria o maior em de sua vida caso se casasse ainda tão jovem.

— Pressinto muitas aventuras e alegrias em seu futuro, mas ainda não consigo vê-las com clareza. Fique alerta. Sinto que alcançará uma posição de sucesso na vida e que se cercará de riquezas.

— Não consigo imaginar que aventuras serão essas.

— Não se deixe influenciar pela impaciência. As estrelas e a lua não podem ser apressadas. Se der um passo errado, acabará se arrependendo pelo resto da vida.

As consultas foram encerradas e o marquês agradeceu-a formalmente por ter feito da festa um sucesso.

Acompanhada pelo mordomo, Bela foi levada da antessala para o hall e de lá para a carruagem, que ficara a sua espera para transportá-la de volta ao acampamento.

Fora uma experiência e tanto. Apesar disso, Bela desejaria não ter sido obrigada a regressar tão depressa para os ciganos.

Sua esperança era que pudesse voltar a casa do marquês outro dia quando não houvesse festa ou convidados, para conhecer melhor o lugar, e a coleção de quadros, em particular.

Uma esperança tênue. Talvez impossível.

O marquês procurara Lendi apenas para pedir a sua ajuda e depois de tê-la conseguido, o mais provável era que não procurasse mais os ciganos.

A ideia, sem que Bela entendesse a razão, a fez se sentir deprimida.

Estavam se aproximando, quando o cocheiro se virou para ela e disse:

— Vossa Senhoria pediu que eu lhe avisasse que a carruagem estará aqui, amanhã, para buscá-la, às oito horas da noite.

Os olhos de Bela brilharam.

— O marquês quer me ver novamente? .

— Sim. Acho que milorde oferecerá outra festa.

Apesar de estar ansiosa por descobrir mais detalhes, Belase calou. Além de ser improvável que o cocheiro soubesse mais sobre o assunto, não ficaria bem questionar um dos criados do marquês.

Limitou-se, portanto, a agradecer pela cortesia em trazê-la e seguiu para a carroça de Miréli, esquecida de que não a encontraria ali.

Naquela noite seria a vez de Miréli dormir com Lendi.

Sem perder tempo. Bela guardou todas as joias da velha cigana, despiu-se e se deitou.

Estava exausta após o esforço de concentração, em especial nos casos de Alice e

do visconde, e adormeceu quase que instantaneamente, só vindo a despertar por volta do meio-dia do dia seguinte.

Ninguém a acordara, mas havia um prato com frutas ao lado de sua cama, que certamente fora trazido pela atenciosa Miréli.

Vestiu-se e foi até Lendi que se mostrou ansiosa por saber as novidades.

— Como foi? Saiu-se bem? Não ficou nervosa?

— Acho que não decepcionei ninguém, mas tenho certeza de que você teria feito muito melhor.

— Era de você que o marquês precisava — Lendi afirmou.

— O triste da história — Bela se lamentou — é que nunca conheceremos o seu desfecho. Alice não romperá com o caça-dotes antes de partirmos, e muito menos se apaixonará pelo visconde. Dessa forma, a curiosidade me acompanhará o resto da vida. Jamais saberei se consegui ou não resolver o problema do marquês.

— Você reverá o marquês muito em breve — Lendi garantiu, rindo.

— É uma profecia? — Bela quis saber, esperançosa.

Lendi fez um movimento afirmativo com a cabeça.

Ela estava totalmente certa.

Naquela mesma tarde o marquês apareceu inesperadamente no acampamento, quando todas as mulheres e quase todos os homens haviam se dirigido para o vilarejo, e Lendi estava dormindo.

Bela se encontrava ao sol sentada em um degrau da carroça, quando ouviu o tropel de um cavalo.

Ergueu o rosto em direção ao som e viu o marquês emergindo do bosque.

— Vim avisá-la para que use uma roupa comum esta noite para o jantar. Não haverá convidados que queira saber sua sorte.

— Nesse caso por que me convida para jantar?

— Saberá quando chegar a noite. Não posso me estender agora, pois não quero que os jovens, que se encontram passeando pelo bosque, me vejam. Alice acreditou em suas palavras.

— Espero sinceramente que ela siga meus conselhos.

— Ela está pensando neles com seriedade. E o visconde se aproximou. No momento, aliás, estão no lago, dando um passeio de barco, para desgosto do caça-dotes.

— Oh estou muito feliz em saber! Muito feliz! — Bela exclamou.

O marquês sorriu, fez meia volta com seu cavalo, e acenou com o chapéu.

— Até a noite!

Bela sentiu o coração bater mais depressa.

Se ele não queria que lesse a sorte de mais ninguém, por que a convidara para voltar a sua casa?

Apesar de querer voltar, o convite lhe pareceu estranho.

Ainda bem que trouxera alguns vestidos comuns em sua bagagem, ela pensou, ou não poderia atender o pedido do marquês.

Depois de se arrumar foi até Lendi para lhe dizer boa-noite.

— Você está linda. Muito mais linda do que quando se fez passar por cigana.

— Eu me senti, ontem, uma princesa indiana — Bela confessou.

— Mas é mais adorável como você mesma.

Bela mirou-se no espelho e suspirou.

— Desejaria que fosse verdade!

Em poucos minutos, a carruagem chegou para buscá-la e estava sendo conduzida por outro cocheiro.

Por que o marquês a convidara? o pensamento se repetiu durante todo o trajeto.

Foi recebida pelo mordomo, e seguiu-o até a sala de estar, assim como acontecera

na noite anterior.

Depois de indagar seu nome, o mordomo abriu a porta e anunciou-a.

— A Srta. Bela, Milorde.

O marquês, que estava de pé diante da lareira, veio ao seu encontro.

Na noite anterior, apesar da agitação, ela percebera o quanto ele estava atraente com seu traje de noite escuro e gravata branca.

Naquela noite estava com um paletó de veludo, parecido ao que seu tio usava quando estavam sozinhos, em um tom de verde profundo como o do lago do bosque.

Parecia-lhe uma estranha coincidência que o seu vestido também fosse verde, apesar de ser do tom das folhas na primavera.

— Você veio! — o marquês exclamou como se não acreditasse. — Tive medo de que Piramus pudesse ter resolvido partir repentinamente ou que você talvez, tivesse voltado para o céu de cujas alturas desceu para me ajudar.

— Eu realmente pude ajudá-lo?

— Acho que sim. Quando os convidados partiram, esta manhã, minha sobrinha Alice, em vez de regressar para Londres junto com eles, aceitou um convite do visconde para passar alguns dias em sua casa, que fica a cerca de quinze quilômetros daqui.

— Esta é uma ótima notícia. E quanto ao caça-dotes? Ele também ficará na casa do visconde?

— Não — respondeu o marquês. — Ele teve de voltar para Londres. Estranho que não parecesse muito contrariado por isso.

Bela sabia a razão e sorriu consigo mesma. De repente, se deteve.

— Está me dizendo que todos os convidados foram embora? Pensei que tivesse me convidado para jantar por alguém ter sido esquecido, ou talvez porque alguém desejasse saber mais do que tive condições de dizer ontem a noite.

— Todos a acharam maravilhosa.

— Tive tanto medo de errar...

— Esta noite não precisará se preocupar com nada. Jantaremos em paz e em seguida, lhe mostrarei minha casa e minha biblioteca, em especial.

— Adoro os livros — Bela replicou.

— Ninguém poderia ser tão inteligente sem se dedicar às leituras. De minha parte, confesso que sinto dificuldade em conversar com mulheres que jamais leem algo mais sério do que revistas femininas.

Bela riu da observação.

— Esse é um comentário maldoso. Estou certa de que todas as garotas, com quem conversei ontem, já leram inúmeros romances, dos quais se julgaram as heroínas.

— E quanto a você? E assim que se considera?

— Prefiro não responder sua pergunta, mas agradeço que queira me mostrar sua biblioteca. Aposto que é tão maravilhosa, se não mais, do que a parte da casa que já conheci.

O jantar foi servido e estava delicioso, embora Bela estivesse com dificuldade em pensar em algo tão trivial.

Ela e o marquês pareciam estar viajando por países sobre os quais, felizmente, conhecia muitos detalhes.

O diálogo fora iniciado com uma pergunta do marquês sobre a origem dos ciganos. Quisera saber se ela conhecia a origem de seu clã em particular.

— Sempre acreditei que todos os ciganos se originaram da Índia, e que só mais tarde se espalharam pelo mundo. Alguns vieram para a Europa, através dos Balcãs, outros rumaram para o Egito e outros países da África. Em minha opinião, embora muitas pessoas discordem, foram os ciganos egípcios que vieram a se instalar na Grã-Bretanha.

O marquês a fitava atentamente enquanto falava. Parecia querer penetrar em sua

personalidade e isso a fazia se sentir tímida.

— O que procura? — ela indagou, assim que os criados os deixaram a sós. — O que espera de mim?

— Agora você está lendo meus pensamentos — ele murmurou.

— Quero que responda a minha pergunta.

— Eu mesmo não sei a resposta — o marquês desabafou. — Você é um enigma. É diferente de todas as mulheres que conheço e, embora possa ler seus pensamentos, sinto dificuldade em compreendê-la.

O diálogo prosseguiu com outros assuntos fascinantes.

Bela pensou que o marquês era um dos homens mais inteligentes que já conhecera. Sua presença a fazia se sentir como nunca se sentira antes, e ela teve medo.

— Fui dormir muito tarde ontem. Preciso voltar logo para o acampamento.

— Então deixe-me mostrar-lhe, antes, a biblioteca.

Seguiram por um longo corredor até uma porta em sua extremidade.

A biblioteca era enorme. Provavelmente o cômodo mais amplo da casa. E estava repleta de livros de todos os formatos e tamanhos. Sua disposição era tão harmoniosa que nenhuma palavra poderia descrevê-la com fidelidade.

— Tinha certeza de que você ficaria impressionada ao vê-la.

— Vossa Senhoria é um homem de sorte em possuí-la, e também os cavalos e os bosques.

Os sorrisos e olhares que trocaram foram tão significativos, que nenhuma outra palavra foi necessária.

De repente, com uma voz inesperadamente ríspida, o marquês falou:

— A carruagem está a sua espera.

Regressaram ao hall e Bela colocou sobre os ombros o xale que Lendi havia lhe emprestado. No momento em que foi se despedir, o marquês avisou-a de que dera ordens ao cocheiro para esperá-la junto ao lago do chafariz.

Os dois seguiram a pé até o lago artificial que tanto se parecia com os que Bela já vira nos castelos da França.

Havia luzes sob a fonte e ao redor do lago e as águas jorravam como gotas de cristal.

— É maravilhoso! — Bela segurou as mãos, uma de encontro à outra. — Este lugar parece pertencer a um conto de fadas!

— Como você — o marquês sussurrou, atraindo-a de encontro ao peito e pousando os lábios sobre os dela.

Por um momento. Bela ficou imóvel, estarrecida. Era seu primeiro beijo e ela não sabia o que fazer. Mas, como em um passe de mágica, o brilho das estrelas e das águas pareceu explodir em seu coração.

Ela estava experimentando uma sensação que nunca julgara existir.

O marquês a beijou uma, duas, muitas vezes, e ela se sentiu transportada para um mundo de magia.

Sabia que ele estava se sentindo como ela e que eram abençoados pelos céus, na beleza e na pureza daquele encontro.

Ele continuava beijando-a nos olhos, no rosto, na testa e novamente na boca, e ela se rendeu ao carinho e à força de seus braços.

O luar os unia com seus raios invisíveis de uma forma que não podiam escapar.

Aquilo era o amor. Bela reconheceu. O amor que ela sabia existir, mas que só agora descobrira. O amor sagrado que todas as pessoas procuravam, mas que poucas tinham a sorte de encontrar.

Queria declarar seu amor ao marquês, mas era impossível falar sob a pressão daqueles lábios ardentes.

Subitamente ele se afastou, deixando-a tão aturdida que quase caiu.
Segurou-se à ponte, sem poder respirar, e ele a deixou sem dizer uma palavra.
Encontrava-se sozinha, olhando para a fonte e para a escuridão a distância.
Parecia impossível que ele a tivesse abandonado.

Após um momento conseguiu retomar à realidade.
Com os pés e o coração pesados, dirigiu-se ao lugar onde sabia que a carruagem a aguardava.

Seu lindo sonho não fora mais do que isso: um sonho. E agora estava acordada.
Assim que a viu, o cocheiro saltou da carruagem para lhe abrir a porta.
Partiram.
Bela escondeu o rosto entre as mãos.
Teria sido real? Seria possível que o marquês a tivesse beijado e a levado a um paraíso de êxtase e amor para depois abandoná-la?

Quando chegaram ao acampamento, ela tentou reunir forças para descer da carruagem e agradecer ao cocheiro por tê-la trazido.

— Foi um prazer, madame. — O homem lhe fez uma reverência.

Bela tentou sorrir, embora chorasse por dentro.

No acampamento tudo era silêncio.

Miréli deveria estar dormindo, como na noite anterior, com Lendi, e ela teria a carroça apenas para si.

Subiu os degraus, sem ter consciência de fazê-lo, e sentou-se sobre a cama.

— Eu o amo — reconheceu. — Eu o amo desde a primeira vez em que o vi.

Como era a primeira vez que Bela se apaixonava, não tinha a menor ideia da reação que teria quando tomasse a vê-lo. Certamente não conseguiria fitá-lo. Se o fizesse, todo o amor que sentia seria traído por seu olhar.

A conclusão a que chegou, portanto, foi que não poderia tomar a vê-lo.

Ela sabia o que o marquês estava pensando.

Haviam se tomado íntimos não apenas em pensamentos, mas também em sentimentos, e, conforme ele lhe confessara, sempre resistira às pressões de sua família com relação ao casamento.

Se um dia se casasse teria de ser por amor. O amor que ele assim como Bela não acreditara fosse encontrar, mas que acontecera.

Como Lendi diria, eles se encontraram guiados pelas estrelas e agora haviam se tomado um só.

Mas ela era cigana, ou assim ele pensava, e ele era um nobre.

Ocorreu a Bela que o marquês poderia lhe propor outro tipo de relacionamento. Algo que não seria apenas humilhante, mas que destruiria toda a pureza do momento que os unira. Algo tão perfeito que ela nunca sonhara existir.

O que quer que aconteça no futuro, o que quer que tenha de suportar, nada nem ninguém poderia apagar o calor que ele deixara em seus lábios e em seu coração.

Ele a levava até o céu para conhecer não apenas as estrelas, mas também os anjos, nos quais Bela sempre acreditara, e também nos deuses que sempre adorara.

Ninguém poderia fazê-la se esquecer do que acontecera. Ninguém poderia tentar destruir a perfeição do seu amor.

Como se alguém a inspirasse. Bela soube qual atitude deveria tomar.

Precisava voltar para casa!

Havia um jarro de porcelana cheio de água e uma bacia entre as duas camas.

Bela tirou o vestido, se ajoelhou e lavou os cabelos até tirar toda a tinta. Em seguida, esfregou-os com uma toalha até que ficassem quase secos.

Ao se olhar no espelho, este lhe devolveu sua própria imagem, cujos cabelos brilhavam, dourados, à luz das velas.

Deitou-se sem se importar em colocar a camisola, ciente de que precisaria se levantar e partir, se possível, antes que os ciganos acordassem.

Talvez não houvesse necessidade de preocupação, pois o marquês provavelmente nunca mais a procuraria, mas não queria se expor a riscos.

Voltaria para junto de seu tio e embora ainda não soubesse como, se recusaria a se casar com Jason.

Agora que sabia o significado do amor e conhecia a sensação de um beijo, mais horrível e assustador lhe parecia o casamento com um homem desprezível.

Talvez o amor não significasse tanto para o marquês, mas para ela fora como se uma porta tivesse se aberto para um novo mundo. Um mundo sublime, diferente de tudo o que conhecera, e que havia se tomado a coisa mais importante de sua vida.

Perdida em pensamentos, Bela não percebeu as horas passarem.

Mais rápido do que esperara, as estrelas começaram a perder o brilho e a lua desapareceu. No horizonte, uma débil luz tentava irromper.

Era a aurora que se aproximava, trazendo o sol e um novo dia.

Chegara o momento de partir, e quanto mais rápido fosse, melhor seria.

Guardou todos os seus pertences dentro do cesto e vestiu seu traje de montaria, com um lenço cor de rosa amarrado sobre a cabeça.

Mesmo que fosse surpreendida durante a viagem, ninguém poderia notar a cor verdadeira de seus cabelos.

Desceu os degraus e caminhou até Apoio no mais completo silêncio. Pensou que não conseguiria desatar os nós dados pelos ciganos e que prendiam seu cavalo a uma das árvores, mas acabou realizando a tarefa.

A essa altura, a luz no horizonte já estava mais clara e brilhante.

Ela amarrou o cesto sobre a sela de Apoio e lhe contou que iriam para casa.

— Tenho muito medo do que nos espera, mas não podemos mais permanecer aqui. Eu o amo. Apoio. Eu o amo tanto que sinto vontade de morrer, por nunca mais poder vê-lo.

- Estava se preparando para montar em seu cavalo, quando ouviu passos às suas costas.

Pensando que era Píramus, tentou encontrar uma explicação para o ato que estava prestes a cometer.

Virou-se.

Era o marquês!

CAPITULO VII

Por um momento, Bela e o marquês apenas se olharam.

Ele continuava com a mesma roupa que usara durante o jantar, na noite passada. Era óbvio que não conseguira dormir e que provavelmente nem se deitara.

— Por que veio? Por que está aqui? — Bela indagou, trêmula.

— Vim para lhe fazer uma proposta — o marquês respondeu depois de um longo tempo.

Bela deu um pequeno grito e colocou ambas as mãos nos ouvidos.

— Não! Não! Não quero ouvir! Foi tão maravilhoso, tão perfeito! Você não pode tentar destruir o que aconteceu com uma proposta indigna.

Ela começou a se afastar enquanto falava. Não queria fitá-lo. Não suportaria.

— Maravilhoso e perfeito — repetiu o marquês. — Foi o que também senti e o que me fez vir aqui minha querida, depois de uma noite de conflitos. A proposta que quero lhe fazer é que se case comigo o mais breve possível.

Bela ficou perplexa. Deveria ser sua imaginação. Não podia ser verdade.

Então, como se ela já tivesse dado a resposta, o marquês a ergueu nos braços e a colocou sobre a sela de Apoio.

Ela não conseguiu falar, nem pensar. Tinha certeza de que estava sonhando.

O marquês não poderia ter dito o que ela pensava que tivesse dito.

Naquele instante ele montou em Juno, e tomou as rédeas de Apoio, conduzindo-o para longe do acampamento. Solto-o somente quando atingiram o bosque.

Não foi preciso que Bela retomasse as rédeas. Como se soubesse o que tinha de fazer, Apoio seguiu ao lado de Juno.

Não foi trocada uma única palavra durante o trajeto, mas mesmo que houvessem tentado, a velocidade em que galopavam não teria permitido.

Além disso, Bela não saberia o que dizer.

O marquês a pedira realmente em casamento? Como era possível que um nobre quisesse se casar uma mulher, que julgava ser uma cigana?

Alcançaram o parque e os cavalos diminuíram o passo.

Dois graciosos gamos, que dormiam sob uma árvore, se apressaram a desaparecer por entre os arbustos.

Estavam se aproximando de Chore Court, e da porta principal, mas não foi para lá que o marquês seguiu, e sim em direção aos estábulos.

Não havia ninguém por perto e o silêncio era absoluto.

Assim que desmontou, o marquês ergueu os braços e segurou-a pela cintura.

Bela desejava fazer uma porção de perguntas, mas a voz parecia ter ficado perdida em sua garganta.

Ele a colocou no chão e estava apanhando o cesto, quando um jovem cavaleiro se acercou, esfregando os olhos.

O rapaz olhou para os cavalos, sem entender, e se apressou a guardá-los.

Enquanto isso, o marquês segurou a mão de Bela e a conduziu por um estreito caminho, enfeitado por rododendros de ambos os lados.

Bela sentiu sua mão tremer em contato com a dele, mas não fez menção de retirá-la.

O marquês parecia estar com muita pressa. Quase não conseguiu acompanhá-lo. Passaram pelo jardim e entraram na casa por uma porta lateral que não estava trancada. Subiram um lance de escada no final de um corredor.

Ainda não haviam trocado qualquer palavra.

Detiveram-se, finalmente, diante de uma porta, na parte principal da casa.

— Nós dois precisamos descansar para estarmos preparados para nos casar esta noite.

— Mas...

O marquês a fez calar, tocando em seus lábios com as pontas dos dedos.

— Sei que minha família será contra e que o seu povo a criticará por ter se unido a um gajão. Não me importa o que digam. Você é minha. Pertence a mim assim como eu lhe pertenço. Nossas estrelas se encontraram e não poderão mais se separar.

Ele abriu a porta e a introduziu em um quarto amplo e elegante, depositando o cesto sobre uma cadeira.

— Durma um pouco, minha querida — recomendou, fitando-a de uma forma

estranha. Bela pensou ter visto fogo em seus olhos. — Eu também vou para meu quarto tentar dormir. Não posso ficar a seu lado ainda. Se a tocar, não terei condições de deixá-la nem de me controlar. Deixarei a porta trancada a chave para impedi-la de fugir, embora saiba que no fundo do seu coração, você não queira fazer isso. Também não quero que ninguém venha aqui para perturbá-la.

— Mas... ouça! — Bela suplicou. — Eu preciso lhe contar que...

— Não diga nada! — retrucou o marquês. — Nós nos amamos e é só isso que importa.

Fitaram-se mais uma vez. A lembrança dos abraços e dos beijos trocados na noite anterior estava presente e insinuante em seus pensamentos, mas o marquês se forçou a sair do quarto.

Bela ouviu a chave girar na fechadura, ainda incrédula com o rumo e a rapidez dos acontecimentos.

Sentou-se sobre a cama e ficou olhando para a porta, certa de que tomaria a se abrir.

Seria verdade?

Estava sonhando?

O marquês realmente queria se casar com ela?

Sabia que sim. Cada palavra que ele dissera viera de seu coração e de sua alma.

Havia se decidido a se casar por amor, e mesmo que ela fosse uma cigana, ninguém poderia detê-lo.

Bela fechou os olhos e sentiu lágrimas de êxtase e de felicidade deslizarem por seu rosto.

O marquês a amava como ela sempre desejara ser amada. Com tanta força e com tanta intensidade, que estava preparado para enfrentar sua família e chocar toda a sociedade. E a desafiar os ciganos, a quem sempre apoiara, e Lendi, a quem pedira ajuda.

Nenhuma cigana tinha permissão para se casar com um gajão, que era como os ciganos chamavam aqueles que não pertenciam à sua raça.

Era maravilhoso e inacreditável! E perfeito!

Nenhum outro homem teria provado seu amor de forma mais determinada.

— Obrigada, meu Deus. obrigada — Bela sussurrou.

No enlevo da prece, sentiu que seus pais lhe sorriam e uma sensação de paz e conforto a embalou.

Despiu-se e se deitou, conforme o marquês a aconselhara a fazer. Estava cansada, mas imensamente feliz.

Fora presenteada com o milagre dos milagres!

No instante em que sua cabeça tocou o travesseiro, lembrou-se pela primeira vez de Jason e do duque.

Agora não precisava mais temê-los. O marquês estava a seu lado para protegê-la.

Quando se casassem, ninguém, nem sequer o duque, poderia obrigá-la a fazer aquilo que não queria.

— Eu o amo — murmurou consigo mesma.

E quando conseguiu conciliar no sono, sonhou que o marquês era um anjo que descera do céu para salvá-la de seus inimigos.

Não sentia mais medo.

Bela deveria ter dormido por um longo tempo. E quando acordou, por ouvir alguém andando pelo quarto, demorou a recobrar a plena consciência.

Por alguns segundos não pôde adivinhar de quem seriam os passos, ou o local onde se encontrava.

Mas logo se lembrou do marquês e de como ele a trouxera até sua casa.

Levara-a até um dos quartos e recomendara que descansasse.

Mesmo assim, hesitou em abrir os olhos. Talvez tudo o que acontecera não passasse de um truque de sua imaginação.

Por outro lado, a cama onde estava deitada não se parecia com aquela que ocupara no alojamento de Miréli.

Abriu os olhos.

O sol estava brilhando através da janela e iluminava o quarto amplo e luxuosamente decorado.

Um arrepio de excitação lhe percorreu o corpo.

Se estava naquele quarto era porque o marquês realmente pretendia se casar com ela.

Seria sua esposa ainda naquele dia.

De repente, alguém surgiu ao lado de sua cama e ela ergueu os olhos para uma senhora de cabelos grisalhos e sorriso maternal.

— Está acordada, senhorita? Sou a camareira de Vossa Senhoria. Ele me pediu que a ajudasse a se vestir para o casamento.

Bela prendeu a respiração?

— Oh, mal posso acreditar!

— Este é o dia mais feliz de minha vida — murmurou a camareira. — Fui babá do marquês, quando ele ainda era muito pequeno, e sempre rezei para que encontrasse a felicidade. Agora sei que a encontrou, pois nunca o vi tão bem e animado.

Antes que Bela pudesse comentar alguma coisa, a mulher mudou o tom de sua voz.

— Trouxe-lhe algo para comer. Sabia que perdeu o café da manhã, o almoço e o chá?

— Que horas são? — Bela indagou, rindo.

— Quase cinco horas. Gostaria de tomar um banho agora ou depois de comer?

— Eu comerei enquanto o banho é preparado.

Seria delicioso mergulhar em uma banheira cheia de água quente. Bela pensou. No acampamento, tivera de se lavar com água fria e apenas com o auxílio de uma bacia e de um jarro.

Sentou-se na cama e uma bandeja com um prato de sopa foi imediatamente servida.

Em seguida, a camareira lhe trouxe uma truta com manteiga e um suflê muito leve e saboroso.

A refeição foi acompanhada por uma taça de champanhe e terminou com frutas variadas e uma xícara de café.

Bela não deixou nada. Estava agradecida à boa mulher por sua atenção, e também com muita fome.

A criada não conversou enquanto Bela não terminou de comer.

Então retirou a bandeja e ordenou que dois criados trouxessem a banheira e a água.

O banho foi preparado em frente a lareira e a água perfumada com essência de violetas brancas. Depois de tantos dias em um ambiente rústico, Bela se sentia como se fosse realmente uma princesa das mil e uma noites, e permaneceu um longo tempo procurando relaxar naquela banheira maravilhosa.

A camareira envolveu-a com uma toalha macia e ajudou-a a se secar.

Pela primeira vez Bela pensou no vestido que deveria usar, se fosse verdade que em poucos instantes estaria se casando com o marquês.

A cerimônia aconteceria, sem dúvida, na capela particular de Chore Court. Embora ainda não a tivesse visto, nem ouvido falar de sua existência, era comum que grandes propriedades, como a do marquês, contassem com uma.

Nenhum de seus vestidos a faria bonita como uma noiva deveria ser, lamentou-se. E não haveria tempo para providenciar ao menos um vestido branco.

Naquele momento a camareira abriu um armário.

— Poderá escolher entre dois modelos. Enquanto dormia, eu tirei as medidas de sua roupa. Qualquer um destes, que se encontram a sua disposição, lhe servirá como uma luva.

— Vestidos de noiva! — Bela exclamou. — Como os conseguiu?

— Foi muito fácil. Quase todas as noivas da família, nos últimos duzentos anos, se casaram aqui, e deixaram seus vestidos no que costumamos chamar de "museu particular".

— Eu não o vi.

— Vossa Senhoria a levará até lá oportunamente. Fica na ala leste. Como a maioria dos visitantes prefere ver as coleções de quadros, em primeiro lugar, o museu sempre fica para depois.

— Uma coleção de vestidos de noiva! Mal posso acreditar em minha sorte!

A camareira estendeu os dois vestidos sobre a cama.

— Um foi usado pela mãe do marquês, e o outro por sua avó.

Ambos obedeciam ao estilo clássico e a perfeição de seu talhe sugeria o toque de um artista.

Um deles era confeccionado em cetim pesado, e o outro em chiffon muito leve. que fez Bela se lembrar das túnicas usadas pelas deusas gregas.

O instinto a fez escolher o segundo modelo.

Assim que o vestiu, sentiu-se como se estivesse descendo as escadarias da Acrópole, em Atenas.

— Era exatamente esse que eu esperava que escolhesse— a camareira confessou, satisfeita. — O marquês ficará encantado ao vê-la. Quanto ao véu, é o mesmo que tem sido usado por todas as gerações de noivas Chore. Segundo me contaram, tem mais de trezentos anos.

Depois de prender os cabelos, a camareira ajeitou o véu sobre a cabeça de Bela, fazendo com que caísse para os lados, sem ocultar-lhe o rosto.

De uma pequena caixa, que havia sido colocada sobre a penteadeira, ela exibiu a tiara mais linda que Bela já vira. e que era feita de diamantes em forma de flores. Não como as que eram cultivadas nos jardins, mas como aquelas que cresciam no bosque.

Ela tinha certeza de que fora nisso que o marquês pensara, quando escolhera aquela joia em especial.

Somente ele era capaz de compreendê-la e adivinhar o que pensava, sem que ela precisasse traduzir seus desejos em palavras.

Ao se olhar no espelho, pensou, mais uma vez que estava sonhando.

Seu coração sempre esperara encontrar o amor, mas ela nunca pensara que um dia essa esperança se tornaria realidade.

Agora estava vestida para se casar com o homem que amava.

Eram quase sete horas.

Como se adivinhasse o que lhe passava pela mente, a camareira informou-a.

— O casamento está marcado para as sete horas. Vossa Senhoria já deve estar esperando-a no altar.

— Eu imaginei que a cerimônia seria realizada na capela, mas fiquei preocupada com um detalhe. A senhora sabe se o casamento será válido legalmente, sem que tenham corrido os proclamas?

— Eu também teria essa dúvida, caso não vivesse aqui há tanto tempo. — A camareira sorriu. — Ainda existem capelas particulares com permissão para realizar casamentos sem as formalidades exigidas em outros lugares...

— E a capela do marquês é uma delas — Bela concluiu.

— Sim porque é muito antiga. Foi originalmente construída no reinado da rainha Elizabeth. Agora, vamos. Eu a conduzirei até a capela. Quanto ao buquê, o marquês providenciou para que o deixassem junto à porta de seu quarto.

A porta foi aberta e o buquê entregue.

Era feito de orquídeas brancas com um suave toque de rosa no centro, e combinava adoravelmente com a trama do véu.

Bela o segurou com as mãos trêmulas de emoção.

— Seja uma boa esposa para o meu senhor. Eu o amo como se fosse meu filho. Daria minha própria vida para que ele fosse feliz.

Bela se inclinou para beijar a mulher e viu que seus olhos estavam marejados de lágrimas. Em seguida, deixou que ela a guiasse pelo longo corredor.

Por conhecer o trabalho dos irmãos Adam. Bela cogitou que haveria uma escada ligando a suíte principal à capela. Não se enganou.

A mulher fez um sinal para que ela descesse.

Ao chegar ao último degrau. Bela se viu diante de uma impressionante porta gótica, que se abriu, revelando-lhe a presença do marquês.

A luz que brilhava em seus olhos a fez pensar na lua e nas estrelas.

Não havia necessidade de palavras.

Ao órgão era entoada a marcha nupcial.

O marquês estendeu-lhe a mão e a conduziu para o altar, onde o padre os aguardava.

A cada passo, os diamantes refletiam a luz das velas e a luz que vinha do céu para envolvê-los. Uma luz que era divina.

Ao último acorde do órgão, o padre começou a falar.

Bela sentia-se como se todas as fibras do seu ser estivessem unidas às do marquês.

Quando ele colocou a aliança em seu dedo, soube que seus corações e suas almas haviam sido ligadas irrevogavelmente e que jamais poderiam ser separadas.

Ajoelharam-se e foram abençoados não apenas pelo padre, mas, ela tinha certeza, também por seu pai e sua mãe.

Deus respondera suas preces, derramando sobre eles a glória do mais lindo sentimento.

Quando se levantaram, foi a vez do padre se ajoelhar diante do altar.

Saíram da capela de mãos dadas e foram cumprimentados pela única pessoa presente, que era a camareira, e que chorava de alegria.

O marquês a conduziu pela mesma escadaria, pela qual descera, e a levou para o quarto que fora ocupado por todos os casais que haviam vivido em Chore Court.

Era amplo e luxuoso, com seu carpeto azul-claro e cortinas no mesmo tom. com sua cama de dossel em madeira entalhada e emoldurada em ouro.

O que mais chamou a atenção de Bela, no entanto, foram as flores, todas brancas, que se espalhavam por todo o ambiente.

Jamais vira tantas orquídeas e tantos lírios.

As flores pareciam fazer parte do mundo encantado para o qual o marquês a levava.

— Você é adorável — ele murmurou com sua voz profunda. — Ainda temo que não seja real que possa desaparecer a qualquer momento.

— Nada do que me aconteceu, desde que você visitou o acampamento, me pareceu real — Bela declarou. — As vezes fico imaginando que nós dois morremos e que estamos no paraíso.

— Você não está morta, meu tesouro. Ao contrário, está bem viva, e eu lhe provarei o quanto te amo, e o quanto significa para mim. Mas antes, precisamos mudar de roupa.

Conforme falava, o marquês ergueu-lhe o véu.

O modo com que se deteve, de repente, a fez pensar que a tomaria nos braços e a beijaria, sem esperar que se trocassem.

Mas ele deveria ter se ordenado a não precipitar o encontro, pois se levantou e saiu do quarto, através de uma porta que deveria ser de comunicação.

Bela o admirou por sua delicadeza.

Colocou a tiara sobre a penteadeira, e tirou o véu e o vestido. Sua mais linda camisola estava estendida sobre a cama e ela a vestiu. Em seguida tirou os grampos que lhe prendiam os cabelos, e deixou-os cair em cascata sobre os ombros.

Deitou-se sobre os travesseiros enfeitados com rendas e esperou.

O luar começava a se infiltrar pela janela emprestando um toque prateado às flores.

— Somente uma princesa de contos de fada poderia ser presenteada com um cenário tão maravilhoso. Uma pena que essa luz possa desaparecer antes que meu marido a veja.

Ao pensar no marquês, como seu marido. Bela sentiu-se enrubescer.

Era extraordinário.

Como poderia imaginar, quando o conhecera, que ele era o homem de seus sonhos? O homem que julgara nunca poder encontrar, por não existir realmente?

A porta foi aberta e ele entrou. Deteve-se e olhou ao redor. Então olhou para Bela, que o esperava no imenso leito, com seus cupidos dourados à cabeceira.

Parecia hipnotizado por seus cabelos.

— Era assim que eu sempre imaginei que seria a mulher dos meus sonhos. Mas como é possível?

Bela sorriu.

— A resposta é simples. Eu não sou uma cigana, como você pensava.

O marquês se sentou na beirada da cama, os olhos muito abertos.

— Você não é cigana? Então por que estava com eles? E como pôde ler a sorte com tanta perfeição? Se não é uma cigana, quem é?

— E uma longa história...

Mas ela não pôde dizer mais nada.

O marquês a tomou em seus braços e a beijou. Foi muito gentil, de início, com medo de assustá-la ou de machucá-la. Mas a paixão o tomou mais e mais possessivo, como se quisesse provar a si mesmo que ela lhe pertencia e que nunca poderia deixá-lo.

Sem que Bela soubesse como explicar e quando isso acontecera, viu-se inteiramente à mercê das sensações que o marquês lhe despertava. Seus beijos e suas carícias eram tão intensas, que não conseguiu mais raciocinar. Apenas sentir.

Havia se tomado parte dele não apenas de coração e alma, mas também fisicamente.

Pertenciam-se para sempre.

Não eram mais duas pessoas, mas uma só, no paraíso do êxtase.

Algum tempo depois, ainda abraçados, o marquês sussurrou:

— Minha querida, meu tesouro, como eu tive a sorte de encontrar uma esposa tão perfeita como você? Como poderia imaginar que fosse conhecer a eleita do meu coração no mais inesperado dos lugares?

Bela riu.

— E eu? Como pude encontrar o homem dos meus sonhos nesse mesmo lugar? O homem que é a minha estrela e que eu sempre busquei, mas que não esperava encontrar? O homem que me amaria assim como eu o amo?

— Você me ama? — o marquês indagou.

— Eu te amo e te adoro. Se algum dia deixar de me amar e se apaixonar por outra mulher, eu não poderei continuar vivendo.

— Jamais amei alguém como amo você. Seria impossível eu me apaixonar e me casar com outra, que não fosse você. Talvez estejamos nos procurando há um milhão de anos. Agora que nos encontramos, permaneceremos juntos por toda a eternidade.

— Eu tenho certeza disso. Amo-o tanto que não consigo me expressar em palavras.

O marquês não esperou que tentasse. Abraçou-a com mais força e tomou a beijá-la até que ficaram sem fôlego.

Bela estava deitada em seu ombro, os cabelos dourados espalhados por seu peito, quando ele disse:

— Partiremos amanhã bem cedo para nossa lua de mel. Quero levá-la a um cruzeiro em meu iate que está ancorado em Southampton.

Mais uma vez Bela foi obrigada a se lembrar do tio e da promessa que fizera de voltar para casa depois de alguns dias para solucionar o problema do pedido de casamento.

Para chegar em Southampton, ela teria de passar quase pela porta de sua casa.

Sua obrigação seria contar ao tio o que lhe acontecera.

No entanto, não sentia forças para pensar nas consequências de seu ato.

— Você está preocupada com alguma coisa — observou o marquês — e eu quero saber do que se trata para poder ajudá-la.

Bela pensou rápido.

— Vamos deixar todas as explicações para amanhã, está bem? Esta é a nossa noite de núpcias e eu não quero pensar em mais nada e em mais ninguém que não seja você meu marido.

— Para mim também é impossível pensar em outra pessoa exceto em você. Tem toda a razão. Você agora é minha e ninguém poderá tirá-la de mim. Haverá tempo para explicações mais tarde.

— Eu sabia que você entenderia, assim como me entendeu desde o primeiro momento em que nos encontramos.

— Ainda não consigo acreditar que você seja real. Prometa-me que não desaparecerá subitamente para junto dos deuses do Olimpo ou para o fundo do lago, para junto das ninfas, onde só poderei vê-la através de seu reflexo na água.

— Eu sou real e nunca o deixarei — Bela prometeu. — Estou tão feliz ao seu lado que o mundo lá fora não tem mais qualquer importância.

— Nem nunca terá.

A firmeza com que o marquês falou a fez pensar em um juramento. Deveria estar imaginando a reação e o choque de sua família, quando soubessem que ele havia se casado com uma mulher sem sangue nobre nas veias.

A verdade era muito diferente. Mas ela ainda não desejava falar sobre isso. A menção dos nomes de Jason e do duque de Marchwood poderia arruinar a beleza de sua primeira noite de casamento.

Ela não queria que o marido pensasse em mais nada a não ser no amor que os unia. Seu desejo era apagar da memória o terror que a fizera fugir e pedir abrigo aos ciganos.

Abraçando o marido pelo pescoço, ela o atraiu para junto de seus lábios, e o beijou.

Suas mãos se acariciavam com ternura e paixão e seus corações batiam em um só ritmo desenfreado.

A música do amor os acompanhava como a brisa sobre as árvores do bosque, como a água que jorrava da fonte, como o brilho das estrelas no céu.

O amor que encontraram era perfeito, eterno e inesquecível.

Na manhã seguinte, embora não tivessem dormido muito, o marquês insistiu que deveriam tomar o café bem cedo.

Partiriam de carruagem para Southampton.

Assim que se aprontaram, o mordomo avisou que a carruagem encontrava-se à disposição junto a porta do hall.

Era nova em folha e dois magníficos cavalos a puxavam.

O marquês sorriu ao notar o entusiasmo com que Bela os acariciou.

A bagagem já havia seguido, em outra carruagem, enquanto o casal se preparava.

— A babá disse que colocou suas roupas na mala. Caso você queira apanhar outras, o que eu acho muito provável, não será difícil, pois pararemos em sua casa, como me pediu, no caminho para o embarcadouro.

Bela ainda não havia contado a sua história para o marquês. Limitara-se a informá-lo de que seu tio fora a pessoa que a criara após a morte dos pais.

— Eu não tenho pai nem mãe. Apenas meu tio. E ele precisa saber de tudo que aconteceu comigo.

O marquês concordou plenamente, embora ela julgasse ter detectado um tom de indiferença em sua voz, como se ressentisse a intromissão da realidade em suas vidas.

Deixaram Chore Court rumo à estrada, com uma velocidade e uma destreza com a qual Bela não se surpreendeu.

Seu marido adorava cavalos tanto quanto ela e só em guiá-los sentia-se vibrante de alegria.

Os criados haviam se despedido e acenado até a carruagem desaparecer a distância. Pelo modo com que a trataram. Bela teve certeza de que haviam notado o quanto seu patrão estava feliz.

Chegaram ao vilarejo por volta do meio-dia, antes do que Bela esperava, mas não o marquês, sem dúvida.

Ele era um cavaleiro e um condutor excepcional. Certamente ganharia todas as corridas de carruagens, caso existissem.

Passou-lhe pela mente, que estariam em sua casa bem na hora do almoço, e isso a deixou aflita.

Não sabia o que fazer. Não sabia se era isso o que seu marido queria. E quanto ao tio? O que ele diria quando a visse casada sem seu consentimento?

O marquês pediu que ela indicasse a localização da casa, e seguiu sua orientação.

Havia uma expressão de surpresa em seus olhos ao fazer os cavalos estacarem.

A casa, toda construída com tijolos aparentes em estilo elisabetano, era majestosa. Ele jamais havia antecipado algo tão soberbo e antigo.

Antes que pudesse descer, Storton se aproximou da carruagem e lhes abriu a porta.

— É um prazer vê-la Srta. Bela. Vossa Senhoria anda muito preocupado com o que possa lhe ter acontecido.

— Eu estou muito bem, Storton — Bela respondeu. — Meu tio está em seu escritório?

— Está escrevendo, como a senhorita deve imaginar.

Bela entrou na casa pela porta principal e se fez seguir pelo marido.

— Venha conhecer meu tio. Estou um pouco assustada no caso de ele se zangar comigo por ter me casado sem sua permissão.

— Deixe tudo por minha conta — o marquês a tranquilizou. — Como sabe. não quero vê-la preocupada nunca.

Bela não respondeu.

Seguiu pelo corredor até o escritório de lorde Laiden e abriu a porta.

O tio ergueu a cabeça de seu bloco de anotações, e quando a viu, se levantou e sorriu.

— Bela! Você voltou!

A sobrinha correu para seus braços.

— Perdoe-me, tio Edward por ter fugido e também por ter me casado sem avisá-lo.

Lorde Lainden a fitou estarecido e Bela continuou:

— Trouxe meu marido para que ambos se conheçam.

Os dois homens se fitaram em silêncio. Passados alguns instantes, lorde Lainden comentou:

— Talvez eu esteja enganado, mas se não me falha a memória estou diante de Kevin Chorlton.

— E o senhor é lorde Lainden — afirmou o marquês.

— Eu assisti a sua conferência na Casa dos Lordes, no mês passado, e concordei com cada palavra sua.

Lorde Lainden estendeu sua mão.

— Sempre fui um grande admirador de seu pai. — Ele se deteve por um segundo.

— Mas acho que não entendi bem a razão de sua presença aqui.

O marquês sorriu.

— Sua sobrinha e eu nos casamos ontem. Foi um caso de amor à primeira vista e eu não quis me arriscar a perdê-la.

— Casada! — exclamou lorde Lainden. — Parece difícil de acreditar.

Bela apoiou a mão no braço do tio.

— Nós estamos muito felizes, tio Edward. Tenho certeza de que Kevin caso o duque se mostre desagradável, poderá ajudá-lo a se instalar em outra casa.

— De que duque estão falando? — o marquês quis saber, a voz muito séria. — E por que ele poderia se mostrar desagradável?

— Ele é a razão por eu ter fugido, e ter pedido a ajuda dos ciganos.

— Então você estava com os ciganos! Imaginei mil lugares onde poderia ter se escondido, mas nem por uma vez me lembrei de Píramus e de Lendi. Sinto-me aliviado. Estou certo de que nossos amigos ciganos cuidaram bem de você.

— Eles me vestiram como um deles e tingiram meu cabelo de preto. Kevin se casou comigo pensando que eu pertencia ao grupo.

Ela soltou o braço do tio e segurou o do marido.

— Ainda não consigo entender como teve capacidade de me enganar tão completamente. Se não era cigana, como pôde ler a sorte de minha sobrinha e de todos os seus convidados, como se fosse Lendi, ou até melhor do que ela?

— Minha herança escocesa me trouxe esse dom de ler os pensamentos das pessoas — Bela respondeu com simplicidade. — Mas o motivo principal de minha fuga foi o conde de Rannock.

O marquês a encarou, incrédulo.

— Rannock? O que você tem a ver com aquele crápula?

Bela olhou para o tio.

— O pai dele, o duque, estava determinado a nos casar. Foi por isso que fugi.

— Graças a Deus você tomou essa atitude. — O marquês a abraçou. — Eu não desejaria que o meu pior inimigo caísse nas mãos de Rannock!

— O duque queria que eu o salvasse dele próprio, e chegou a ameaçar meu tio. Com medo de que o duque fosse prejudicá-lo, eu fugi na expectativa de encontrar uma solução. E então te conheci...

— Agradeço a Deus. às estrelas, à lua e a todos que nos ajudaram a chegar a esse final feliz. — O marquês sorriu.

— E quanto ao senhor, lorde Lainden. acha provável que o duque lhe cause problemas?

— Tive sério receio de que sim, mas o acaso fez com que acontecesse o fato mais surpreendente.

— Qual? — Bela indagou, curiosa.

— Jason se apaixonou.

— Não por mim, não é? — Bela quase perdeu a voz.

— Não, minha querida, você não corre mais perigo. Assim que partiu. Jason não ficou mais um único dia sozinho. Lady Southgate e ele estão muito ligados. Acredite você ou não ele realmente parece outra pessoa, agora.

— Está me dizendo que vão se casar?

— E o que o vilarejo está comentando, e você sabe, o povo sempre sabe mais do que eu em matéria de rumores.

Bela apertou as mãos, uma contra a outra.

— Oh tio Edward, que ótima notícia! Isso significa que o duque continuará seu amigo e continuará permitindo que o senhor monte seus cavalos.

— Mesmo assim, eu acho que seria melhor se o seu tio desse uma olhada em uma de minhas casas, que está vazia. É tão grande e bonita como esta e eu teria um enorme prazer em vê-la habitada por alguém tão importante. Tenho certeza que seu tio, meu amor assim como você, apreciaria nossa biblioteca.

— A ideia é maravilhosa. Por que não pensa a respeito, tio Edward? Eu adoraria tê-lo perto de nós e continuaria ajudando-o com seu livro, sempre que Kevin não precisasse de mim.

— Eu certamente levarei sua proposta em consideração, Kevin. Sou-lhe muito agradecido por sua generosidade.

— Na verdade, estou sendo egoísta — replicou o marquês. — Não é meu desejo ficar longe de minha esposa nem por um momento. Será muito melhor que ela o visite na casa Dower como eu a chamo, do que eu ter de permitir que ela venha visitá-lo a esta distância, quando se sentir sozinho.

Os dois homens riram e Bela os acompanhou.

— Por favor, tio Edward, diga que sim e prepare-se para se mudar assim que nós retomamos de nossa lua de mel.

O almoço foi longo e animado por variadas conversas e no momento da despedida, lorde Laiden aceitou o convite com verdadeira emoção.

Na carruagem, assim que se viram a sós o marquês segurou o rosto da esposa e a beijou.

— Nosso casamento não poderia ser mais perfeito. Minha família não caberá em si de contentamento quando souber que eu me casei com a mais linda das jovens, e também que ela é sobrinha de um homem a quem todos admiram e respeitam.

— Mas eu jamais me esquecerei de que você quis se casar comigo mesmo julgando que eu fosse apenas uma cigana. E por falar em ciganos, eu gostaria de ter contado a Lendi, a Miréli e a Pirus sobre nosso casamento e agradecido por terem sido eles os responsáveis por minha salvação e por minha felicidade. Será uma pena ter de esperar um ano, até que eles voltem, para tornar a vê-los.

— Eu enviei um de meus criados ao acampamento, antes que partíssemos, com uma carta explicando todos os acontecimentos e lhes agradecendo de coração por tudo o que fizeram por nós.

Bela se aproximou ainda mais e apoiou a mão sobre o joelho do marido.

— Você é a mais adorável das criaturas, sabia? — Ele piscou. — Sabia, também, que se continuar falando comigo nesse tom de voz irresistível, eu me esquecerei de que estou na boleia da carruagem, e acabarei causando um acidente?

Bela riu divertida.

— Você dirige bem demais. Sei que não corremos perigo. Mas, mudando de assunto, você ainda não me disse se gosta da cor natural dos meus cabelos e se está contente por não ter de brigar mais por mim por causa do choque que causaria em seus parentes e amigos, caso eu fosse uma jovem camponesa.

— Ninguém que a visse a tomaria por uma simples camponesa — declarou o

marquês. — Mas eu admito que o fato de você ser quem é, facilitará os entendimentos. De qualquer forma, nada no mundo me impediria de pedi-la em casamento. Você roubou meu coração e eu não poderia continuar vivendo sem ele.

— Oh, querido, meu querido Kevin, eu te amo. E não te amo apenas por causa das palavras excitantes e maravilhosas que me diz, nem pelo fato de me transportar ao paraíso quando me beija e me toca. Eu te amo também porque é bom, sensível, inteligente e compreensivo.

— Eu te amo e te adoro — repetiu o marquês. — Estou contando os minutos para chegarmos ao iate. Preciso lhe dizer o quanto significa para mim e de uma forma em que as palavras não são necessárias.

Bela enrubesceu de felicidade.

Ao longe, surgiam as primeiras construções que indicavam a presença da cidade de Southampton onde os aguardava o iate do marquês.

Eles partiriam em uma viagem de aventuras e de romance que seria perfeita, como era perfeito o amor que os unia. Um tesouro sem preço. O extase que Deus concenderá aos homens e que os tomava parte Dele, nesta e nas outras vidas.

Nº 345
O REVERSO DA VINGANÇA
Barbara Cartland

NÃO PERCA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

O marquês de Darincourt, Clive Darin, sorriu satisfeito ao ler o anúncio de casamento que mandara publicar na gazette.

Todos pensariam que fora ele quem rejeitara a esnobe lady Charlotte. Na verdade, estava magoado e humilhado, pois ela preferira se casar com um duque!

Sua sorte mudou ao encontrar lady Lara, prima de Charlotte, fugindo de casa. A linda órfã seria uma substituta perfeita para a noiva que o preterira...